



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA, PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

CLAUDIA DE ARAÚJO LIMA

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: ANÁLISE DO IMPACTO, NO
CAMPO RELIGIOSO PERNAMBUCANO, DA SUA
IMPLANTAÇÃO ATRAVÉS DO POLO INDUSTRIAL
GINETTA, EM IGARASSU (2002-2014)**

Recife, 2016

CLAUDIA DE ARAÚJO LIMA

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: ANÁLISE DO IMPACTO, NO
CAMPO RELIGIOSO PERNAMBUCANO, DA SUA
IMPLANTAÇÃO ATRAVÉS DO POLO INDUSTRIAL
GINETTA, EM IGARASSU (2002-2014)**

PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, PPG-CR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos na obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques.

Recife, 2016

L732e Lima, Claudia de Araujo
Economia de comunhão : análise do impacto, no campo religioso pernambucano, da sua implantação através do Polo Industrial Ginetta, em Igarassu (2002-2014) / Claudia de Araujo Lima ; orientador Luiz Carlos Luz Marques, 2016.
67 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2016.

1. Economia social. 2. Igreja Católica. 3. Movimento dos Focolares.
I.Título.

CDU 2:33

CLAUDIA DE ARAÚJO LIMA

**ECONOMIA DE COMUNHÃO: ANÁLISE DO IMPACTO, NO
CAMPO RELIGIOSO PERNAMBUCANO, DA SUA
IMPLANTAÇÃO ATRAVÉS DO POLO INDUSTRIAL
GINETTA, EM IGARASSU (2002-2014)**

Aprovada em 25 de fevereiro de 2016

Banca Examinadora

**Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, UNICAP
Orientador**

**Prof. Dr. Drance Elias da Silva, UNICAP
Examinador interno**

**Profa. Dra. Emanuela Souza Ribeiro, UFPE
Examinadora externa**

Aos meus pais e ao meu irmão. Que sempre acreditaram em mim, me incentivaram e estiveram ao meu lado nos momentos alegres e nas angústias.

RESUMO

Este estudo pretende investigar os impactos da implantação, em Pernambuco, de um projeto nascido no Campo Religioso que, extrapolando-o, alcança as esferas sociais e econômicas da sociedade, pretendendo contribuir ativamente nelas. A pesquisa será pautada na rica bibliografia referente à *Economia de Comunhão* – EdC, e propostas afins, na análise da documentação produzida pelas empresas que funcionam a partir do Polo Ginetta, localizado no Município de Igarassú e nas avaliações do Movimento dos Focolares. A Economia de Comunhão é pérola do movimento focolarino, de acordo com sua idealizadora Chiara Lubich. Sua implantação, no Brasil, apresenta significativa importância para o projeto da fundadora dos Focolarinos, visto que foi a situação socioeconômica da periferia de São Paulo, SP, o motivo e o berço, tanto da sua inspiração original quanto da primeira implantação. Formado por empresas produtoras de bens e serviços, os polos da *Economia de Comunhão* usam formas semelhantes aos distritos industriais, no que se refere à estrutura de polos, mas seus princípios de partilha de lucro são muito distintos, estando baseados na gratuidade, reciprocidade e partilha, de nítida inspiração cristã. Pretende-se, com a ajuda de teóricos, tanto do Campo Religioso quanto da Economia, fazer um balanço da eficácia desta transposição de campos.

Palavras-chave: Igreja Católica; Movimento religioso; Economia Solidária; Movimentos dos Focolares

ABSTRACT

This study aims to investigate the impacts of the implementation, in Pernambuco, of a project born in the Religious field that, extrapolating it achieves the social and economic spheres of society, intending to contribute actively in them. The research will be guided by the rich literature on the Economy of Communion - EdC, and related proposals, the analysis of the documentation produced by the companies that operate from the Ginetta Industrial Park, located in the municipality of Igarassu and the Focolare Movement ratings. The Economy of Communion is pearl focolarino movement, according to its creator Chiara Lubich. Its implementation in Brazil has significant importance for the founder of the Focolare project, as was the socioeconomic situation in the outskirts of São Paulo, the reason and the birthplace of both his original inspiration and the first deployment. Formed by companies producing goods and services, the poles of the Economy of Communion use similar ways to industrial districts, with regard to the pole structure, but its principles of profit sharing are very different, being based on gratuity, reciprocity and sharing of clear Christian inspiration. It is intended, with the help of theoreticians, both the Religious field as the economy, take stock of the effectiveness of implementation fields.

Keywords: Catholic Church; religious movement; Solidarity economy; Focolare movement.

Índice das imagens

Figura 1: Logotipo da Economia de Comunhão.....	20
Figura 2: Polos de Economia de Comunhão no Brasil.....	43
Figura 3: Polo Ginetta (Fonte: http://pologinetta.com.br/).....	51
Figura 4: Mapa do Polo Ginetta. (Fonte: http://pologinetta.com.br/).....	51
Figura 5: Logotipo da Empresa Movelite.....	54
Figura 6: Logotipo da Empresa Lado C.....	55
Figura 7: Logotipo da Empresa Dalla Strada.....	55
Figura 8: logotipo da Empresa Prodiet.....	56
Figura 9: Logotipo do Polo Empresarial Ginetta.....	58
Figura 10: Valores da EdC (Fonte: www.edc-online.org).....	60

Índice

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - O MOVIMENTO DOS FOCOLARES.....	13
1.1 Contexto Sócio-Econômico e Crise Capitalista.....	13
1.2 Nascimento do Movimento dos Focolares	15
1.3 Movimento dos Focolares no Brasil.....	18
CAPÍTULO 2 - ECONOMIA DE COMUNHÃO (EDC).....	20
2.1 Religião, Economia e Capitalismo	20
2.2 A Economia de Comunhão (EdC).....	22
2.3 A originalidade da Economia de Comunhão	34
2.4 A presença da Economia de Comunhão no Brasil	43
2.5 Economia de Comunhão e Economia Solidária: aproximações e distinções	48
CAPÍTULO 3 - O POLO GINETTA E A EXPERIÊNCIA DA ECONOMIA DE COMUNHÃO EM PERNAMBUCO	51
3.1 As empresas do Polo	54
3.2 Os empresários e trabalhadores do Polo Ginetta.....	57
3.3 Mariápolis Santa Maria, a Comunidade de Monjope e a destinação do lucro tripartite.....	58
3.4 Polo Ginetta e a Comunidade de Monjope.....	58
3.5 A crise do Polo Ginetta e a resistência na experiência na Economia de Comunhão.....	59
3.6 Coleta de material e resultado da pesquisa.....	60
CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

A Economia de Comunhão (EdC) é um projeto idealizado por Chiara Lubich em 1991, quando de sua vinda a São Paulo/ SP. Surgiu da ideia de criar alternativas para garantir a sobrevivência do homem e da natureza, destacando a responsabilidade social das empresas, diante das injustiças sociais do mundo contemporâneo, especialmente nas sociedades em que o capitalismo é o modelo econômico dominante.

A EdC é composta por empresas com comprometimento social, comprometimento este que faz parte dos princípios empresariais. É um projeto econômico que envolve muitas empresas, cerca de setecentas em todo o mundo, e que adotou a “comunhão” como seu princípio basilar.

Fundamenta-se na distribuição do lucro para formação de “homens novos”¹, na cultura da partilha, ou seja, na comunhão de bens.

A EdC apresenta-se como uma alternativa ao modo convencional de se entender o funcionamento de uma empresa e de como funciona a distribuição do lucro, no sistema capitalista clássico. Ela propõe que os empresários se transformem, que saiam de seu egoísmo, dividam o lucro com os mais necessitados, em primeiro lugar, seus próprios funcionários. Assim, esse novo estilo de economia contraria os obstáculos propostos pelo modelo econômico que está vigente nos dias de hoje.

O objetivo principal da Economia de Comunhão é:

Colaborar na erradicação da miséria e da injustiça social, a fim de contribuir na edificação de um sistema econômico e de uma sociedade de comunhão, sob inspiração da primeira comunidade cristã, na qual não havia nenhum necessitado (FOLDER ECONOMIA DE COMUNHÃO, 2011).

¹ Como são chamados as pessoas formadas e animadas pelo amor, capazes de viver a cultura da partilha proposta pela EdC. Homens e mulheres que, formados numa nova cultura, poderão contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e fraterna.

Este novo pensamento relacionado a um novo modelo em economia busca criar uma nova ordem econômica e social que reconsidera e une duas realidades antagônicas presentes no capitalismo: a empresa e a miséria, de maneira a mostrar uma economia com perfil de comunhão, ou seja, com um perfil verdadeiramente humano (BRUNI, 2011).

Este novo modo de pensar a economia se compromete a gerar uma nova riqueza, partilhar o lucro: “Uma parte para os mais pobres, outra para a promoção de ‘homens novos’ e a última parte a ser reinvestida na própria empresa” (FOLDER DA ECONOMIA DE COMUNHÃO 2011).

Quando o projeto visa à formação de “homens novos”, ele está buscando a formação cultural das pessoas, na forma de congressos, bolsas de estudos e visa o desenvolvimento completo das pessoas (BRUNI 2005). Não se trata, portanto, de uma simples assistência financeira, mas da criação de projetos para desenvolvimento das pessoas, na busca de emprego ou nos financiamentos estudantis (BRUNI, 2005).

A socióloga brasileira, Vera Araújo diz:

Não se trata de ser generoso, de fazer beneficência nem de práticas filantrópicas, nem de abraçar a causa do assistencialismo. Trata-se, antes, de viver e de conhecer a dimensão do doar-se e do dom aos outros como essenciais a substância e a existência da pessoa. A cultura do dar engloba uma visão de conjunto – o homem em seu relacionar-se- e toda uma série de atitudes e comportamentos que qualificam as relações humanas e as orientam para a comunhão, nesse caso, sinônimo de unidade. De modo que tudo seja dom e doar-se contínuos. A verdadeira identidade da criatura exprime-se em se dom em todas as expressões de seu viver, em estar sempre na posição de doar, de dar. Essa autêntica arte de dar: gratuidade, alegria, generosidade, desprendimento; isenta-o de riscos e perigos de ser mal entendido ou manipulado. Da reciprocidade dessas relações nasce a comunhão, a unidade (ARAUJO, 2000).

Em relação à parte destinada para a empresa, esta é destinada ao seu desenvolvimento, crescimento, estabilidade financeira.

No entanto, é interessante destacar que na destinação do lucro da empresa em três partes, não necessariamente o lucro precisa ser distribuída em partes iguais. O empresário deve e pode agir com liberdade.

Assim, a divisão do lucro é consequência de uma opção de vida do empresário, de uma mudança na sua postura e no seu comportamento (BRANDALIZE 2003).

Esta nova forma de dividir o lucro das empresas, uma das principais características da EdC, choca-se com um dos princípios balizadores das empresas capitalistas clássicas, quais sejam, aumentar o lucro dos acionistas.

Esta reserva de uma parte do lucro para ser investido na própria empresa, de acordo com Luigino Bruni (BRUNI, 2005, p. 28) “mostra que o projeto não é uma invenção de emergência; é muito mais uma proposta para o funcionamento normal da vida econômica e empresarial”.

Em seus primeiros discursos, Chiara Lubich, já demonstrava a preocupação quanto à existência e duração das empresas que optassem pela EdC:

Embora eu não seja especialista em problemas econômicos, já pensei que poderiam ser criadas, por pessoas do movimento, empresas que canalizassem capacidades e recursos de todos para juntos produzirem riquezas em prol dos que se encontram em dificuldades. Sua gestão deveria ser confiada a pessoas competentes, capazes de fazê-las funcionar com eficácia e obter lucro (LUBICH, 2005, p. 15).

Mas poderia surgir a dúvida em alguém: qual seria a porcentagem de cada uma destas partes? Ou seja, quanto do lucro deveria ser destinado às doações e quanto do lucro deveria ser reinvestido nas empresas. Esta decisão é de extrema importância para o perpetuamento das empresas na modalidade da Economia de Comunhão. Pois, se o empresário doar mais do que se arrecada pode acontecer que as empresas entrem em processo de falência.

A fundadora do Movimento dos Focolares, já habituada com a comunhão de bens e com o combate aos problemas sociais teve a intuição de criar um novo modelo econômico quando de sua vinda a São Paulo em 1991. Impressionada com a desigualdade social e com o abismo entre ricos e pobres, comparou a realidade social desigual da cidade de São Paulo a uma “coroa de espinhos”.

Os graves problemas sociais e econômicos causados pela crescente desigualdade social destaca a grande preocupação relacionada ao futuro das empresas e da sociedade.

Diante deste quadro dramático de desigualdade social Chiara Lubich diz: “pode-se ver do que é capaz de fazer o capital nas mãos de alguns causando a exploração de muitos outros”; e se pergunta: “por que toda essa potencia não é orientada para resolver os problemas do Brasil?” Ela mesma responde: “ porque falta o amor ao irmão, porque domina o egoísmo” (LUBICH, 2001, apud BRANDALISE, 2003, p. 83).

Para Luigino Bruni, sendo a empresa um “corpo vivo” é possível que em alguns anos, em consequência dos prejuízos, as empresas não consigam realizar a partilha, mas a não-comunhão, por muito tempo, pode ser sinal de um desaparecimento da “cultura do partilhar” ou de uma falta de organização das empresas para a geração de lucros (BRUNI, 2005).

Este trabalho busca entender o impacto da Economia de Comunhão na comunidade de Igarassu e quais os problemas enfrentados pelo Polo Ginetta para sua efetiva implantação e organização. Entender por que atualmente só encontramos em efetivo funcionamento no polo uma só empresa.

Durante a pesquisa percebeu-se que o Polo Ginetta, Igarassu-PE, encontra-se em um momento reorganização. Algumas empresas saíram do Polo, de modo que, atualmente, só há uma em funcionamento dentro das suas dependências. Percebe-se um momento bastante difícil deste projeto aqui em Pernambuco.

Este trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro faz uma breve abordagem sobre o contexto socioeconômico quando do nascimento do Movimento dos focolares, de como surgiu o Movimento e de como foi a chegada do Focolare no Brasil.

No segundo capítulo é abordado o nascimento da Economia de Comunhão e sua originalidade e faz-se uma breve distinção entre a Economia de Comunhão (EdC) e a Economia Solidária (ES).

Já o terceiro e último capítulo aborda o nascimento do Polo Ginetta e a experiência da Economia de Comunhão em Pernambuco.

CAPÍTULO 1 - O MOVIMENTO DOS FOCOLARES

A economia da partilha

Chiara Lubich

Ao contrário da economia consumista,
baseada numa cultura do ter,
a economia de comunhão é a economia da partilha.
Isso pode parecer difícil,
árido, heroico.
Mas não é, pois o homem
criado à imagem de Deus, que é Amor,
encontra a própria realização
justamente quando ama, quando partilha.

Esta exigência está no mais íntimo
do seu ser, quer ele tenha fé ou não.

Está exatamente nessa constatação,
atestada pela nossa experiência,
a esperança de uma difusão
universal da economia de comunhão.

Rocca di Papa, 10 de novembro de 1991

1.1 Contexto Socioeconômico e Crise Capitalista

Logo após a II Grande Guerra mundial, a ordem mundial foi totalmente mudada. A grande destruição provocada na Europa e em outras áreas do mundo necessitava de um grande trabalho de reestruturação social e econômica.

A Europa viu-se dividida em dois grandes blocos: o dos EUA e o da URSS. Estava dividido assim o continente europeu por uma “Cortina de Ferro”. De um lado o chamado “mundo livre” (o do capitalismo ocidental) e do outro lado o “mundo comunista” (do comunismo soviético).

Esta configuração em dois polos, entre os EUA e a URSS, e mais tarde também a China, foi a principal característica do pós-guerra. Que só teria fim a partir início da década de 1990, com a queda do muro de Berlim e, nos últimos 15 anos, com abertura do Partido Comunista Chinês à economia capitalista, mas não à organização do poder segundo o modelo ocidental.

Pode-se fazer uma síntese dos processos econômicos do século XX, lembrando que, o período entre as duas grandes guerras (1919-1938), houve três

grandes crises econômicas: em 1919/1921, em 1929/1933 e em 1937/1938, sendo, sem dúvida, a maior e mais profunda delas a acontecida entre 1929/1933.

Tendo sido geradas pelas desigualdades de desenvolvimento dos países capitalistas, tanto a primeira quanto a segunda guerra conduziram a um posterior agravamento destas desigualdades.

As despesas dos países que lutaram na guerra chegaram a cifras muito altas. A economia e a cultura de países da Europa e da Ásia sofreram um grande baque. Os problemas econômicos após a segunda grande guerra foram cobertos pela cobrança de mais impostos, de empréstimos e de emissão de papel-moeda. Entre 1943 e 1944, ainda durante o esforço bélico, os impostos absorviam cerca de 35% das economias dos países capitalistas. Após a guerra, o custo da reconstrução levou a uma elevação da média da carga tributária.¹

A guerra trouxe grandes problemas à economia dos principais países da Europa ocidental, que provocou uma acentuada exploração da classe operária. Com isso, essa passou a conduzir uma luta cada vez mais ativa contra a sujeição capitalista. Tal insurgência pode ser comprovada com o considerável aumento do movimento grevista, se se comparar com o período antes da guerra.²

Por exemplo, nos países capitalistas europeus, no período pós-guerra (1945 e 1954) em comparação com o pré-guerra (1939 e 1939), houve um aumento considerável de movimentos grevistas de vinte e um milhões para setenta e três milhões de operário envolvidos; o número de greves cresceu uma vez e meia, passando de sessenta e sete mil para cento e uma mil; a quantidade de dias perdidos em consequência da greve de foram de duzentos e quarenta milhões para seiscentos e setenta e dois milhões.³

A guerra, portanto, trouxe grandes prejuízos para os países ocidentais e, ao mesmo tempo, uma explosão tecnológica. Com o final da guerra, a burguesia destes países, à custa da exploração do trabalho dos operários, e do uso das tecnologias geradas pelo conflito, restabeleceu o aparelho produtivo das indústrias, com prejuízo ainda maior para a classe operária. Somente a partir dos anos 60, com as conquistas sociais dos movimentos operários e a expansão da economia, a

¹ <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/manual/19.htm>

² Idem

³ Idem

condição das classes trabalhadoras começou a mudar, de forma significativa, nos países centrais, mas não nos periféricos.

A Itália, berço do Movimento dos Focolares, saiu da segunda guerra destruída. A fome foi endêmica entre 1945 e 1955 e a situação de pobreza permaneceu até o início dos anos 70. É importante ter isso em mente, para a compreensão do surgimento e da evolução do movimento focolarino, naquele país, na fase da guerra em que, na Itália, a ideologia fascista começava a entrar em declínio, com as sucessivas derrotas dos exércitos do Duce, a ocupação do norte, pelos alemães, e progressiva penetração dos exércitos aliados (dos quais fez parte uma força expedicionária brasileira), a partir do sul.

1.2 Nascimento do Movimento dos Focolares

O Movimento dos Focolares ou Obra de Maria nasce em 1943, na cidade de Trento, Itália, por iniciativa de uma jovem professora chamada Lucia Lubich, mais tarde chamada Chiara². É um movimento laico, de inspiração cristão-católica, que tem como proposta viver a busca da unidade entre os cristãos, em permanente diálogo ecumênico com fiéis das diversas confissões religiosas cristãs, tanto as Igrejas autocéfalas de tradição oriental quanto as nascidas da Reforma.

Em plena Segunda Guerra Mundial, o Movimento dos Focolares surge como um movimento de renovação espiritual e social, voltado para uma vida e uma atmosfera comunitária e coletiva. Através desta espiritualidade, vivida nos mais diferentes ambientes e culturas, abrem-se diálogos fecundos. Primeiro no mundo católico, com indivíduos e grupos, movimentos e associações, que colaboram para a consolidação da unidade; depois se abrem também diálogos com cristãos de mais diversas igrejas para contribuir à plena comunhão e, em função das dinâmicas do mundo contemporâneo, com fiéis de mais diversas religiões não cristãs e pessoas de outras convicções, inclusive ateus, para caminhar rumo à fraternidade universal a que todos tendemos.

² Nascida em Trento, Itália, em 22 de janeiro de 1920 e falecida em 14 de março de 2008, em Rocca de Papa, ao sul de Roma (<http://www.kath.net/news/19317>).

Neste Movimento identificamos três aspectos fundamentais de sua filosofia segundo Serafim (2001, p.146), quais sejam: 1. Amor recíproco: que se destaca pela busca legítima do bem estar do próximo, sem esperar, pois uma recompensa ou uma reciprocidade; 2. O Ideal da Unidade: trata-se de uma relação entre o indivíduo e o coletivo, sem portanto se anularem; 3. Comunhão de Bens; neste aspecto há uma partilha de si próprio e de seus bens de um modo livre. E esta liberalidade de seus bens anula o que chamamos de uma simples doação.

Por se tratar de um Movimento de renovação religiosa, que proclama a mensagem da unidade, não é de se estranhar que este Movimento esteja vivo não só dentro da Igreja Católica: além de membros de outras igrejas cristãs á fiéis mulçumanos, budistas, judeus que se deixam coordenar pelos ideais do Movimento dos Focolares.

Uma das características do Movimento foi a criação de pequenas comunidades conhecidas como Mariápolis (Cidade de Maria), hoje presentes em várias cidades do mundo, onde se busca construir o amor fraterno e onde acontecem grandes eventos que marcam o Movimento dos Focolares. A primeira delas foi construída na Itália, na província da Toscana, ao norte de Florença e é conhecida como Lopiano. No Brasil existem três pequenas cidades permanentes da Obra: a Mariápolis Ginetta, em São Paulo; a Mariápolis Santa Maria, em Pernambuco e a Mariápolis Benevides, no Pará.

Chiara Lubich, não poderia imaginar que algumas décadas mais tarde seu ideal chegaria a 182 países, tão pouco imaginaria que milhões de pessoas a seguiriam. Muito menos poderia imaginar que seu ideal seria acolhido por fiéis de outras religiões e por pessoas sem uma referência religiosa. Aliás, não teria mesmo ideia de que estaria fundando um movimento.

Em um congresso na cidade de Pescara³, Itália, em 1977, Chiara Lubich disse:

A caneta não sabe o que deverá escrever o pincel não sabe o que deverá pintar e o cinzel não sabe o que deverá esculpir. Quando Deus toma em suas mãos uma criatura, para fazer surgir uma obra Sua na Igreja, a pessoa escolhida não sabe o que deverá fazer. É

³ XIX Congresso Eucarístico Nacional de Pescara, em Setembro de 1977. Pescara é uma província italiana da região de Abruzos, próximo ao Mar Adriático.

um instrumento. Creio que este é o meu caso. Fecundidade e difusão desproporcionais a qualquer força ou capacidade humana, cruces, cruces, mas também frutos, frutos, frutos abundantes. E os instrumentos de Deus tem, em geral, uma característica: a pequenez, a fragilidade... Enquanto o instrumento move-se nas mãos de Deus, Ele o forma, com muitos e muitos expedientes, dolorosos e jucundos. E assim o torna cada vez mais apto ao trabalho que deve realizar. Até que, tendo conquistado um profundo conhecimento de si, e uma certa intuição de Deus, pode dizer com competência: eu sou nada, Deus é tudo. Quando a aventura iniciou, em Trento, eu não tinha um programa, não sabia nada. A ideia do Movimento estava em Deus, o projeto no Céu.

A espiritualidade da unidade expressa por Chiara Lubich foi logo definida como uma espiritualidade “coletiva”, ou melhor, “comunitária”, que busca a unidade anunciada na passagem do Evangelho de João (Jo. 17, 21): “*Que todos sejam um*”.

São articulados doze pontos fundamentais, quais sejam: Deus Amor; A Vontade de Deus; A Palavra; O irmão, O amor recíproco; Jesus Eucaristia; A Unidade; Jesus Abandonado; Maria; A Igreja; O Espírito Santo e Jesus no meio.

E como todo Movimento organizado, o Movimento dos Focolares é dividido em algumas áreas: a primeira é a dos Focolarinos (as) e que em várias ocasiões foram definidos por Chiara como “guardiões da chama do amor de Deus e do próximo”. Os Focolarinos (as) vivem em pequenas comunidades masculinas ou femininas, chamados de “Focolares”, deixam a família e colocam-se inteiramente a disposição da Obra. Existem também os Focolarinos (as) casados (as) que de acordo com suas possibilidades são chamadas a doação total a Deus, mas conservando os deveres e os empenhos de seus estados.

Existem também os Voluntários (as) são homens e mulheres que participam do Movimento, não deixam a família, mas vivem a disposição da Obra. São pessoas que vivem a Unidade em seu trabalho, com sua família, também no âmbito político etc.

Outro grupo de igual importância na Obra é o formado pelos jovens, adolescentes e crianças. São conhecidos com “Gen`s” (geração nova).

Os religiosos também fazem parte do Movimento, são religiosos das mais diferentes ordens, além de sacerdotes, diáconos e seminaristas diocesanos, que acolheram e assumiram a espiritualidade da unidade. Muitos Bispos, a partir de

1977, quando do primeiro encontro dos Bispos amigos do Movimento dos focolares, a convite do teólogo Dom Klaus Hemerle, bispo de Aquisgrana, Alemanha, também se sentiram tocados pela espiritualidade da Unidade e tornaram-se parte desta grande obra. Entre eles encontramos Cardeal brasileiro João Braz de Aviz, atual Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada. Também chefes de várias Igrejas cristãs, como o Patriarca ecumênico de Constantinopla, Sua Santidade Bartolomeu I, e o Primaz da Comunhão Anglicana, Dr. Rowan Williams, que foi Arcebispo da Cantuária e chefe da Comunhão Anglicana, expressaram grande simpatia por estas iniciativas.

O Movimento dos focolares tem toda uma estruturação organizacional. Há uma Assembleia Geral, que se reúne a cada seis anos, para eleição da presidente, do copresidente e dos conselheiros do Centro da Obra, que têm a responsabilidade de garantir e incrementar a unidade em toda a Obra.

A presidente, conforme preconiza os estatutos da Obra, será sempre uma mulher. A presidenta atual é a italiana Maria Voce, que foi eleita em julho de 2008, pela Assembleia Geral e que foi reconduzida ao cargo em 12 de setembro de 2014 para seu segundo mandato consecutivo.

O copresidente, conforme os estatutos da Obra estabelecem, deverá ser escolhido entre os sacerdotes membro da seção dos focolarinos. O copresidente atual é Jésus Cepedano, eleito pela Assembleia em 13 de setembro de 2014.

O conselho da Obra é composto por membros de vários setores da Obra.

1.3 Movimento dos Focolares no Brasil

O Brasil foi o primeiro país, fora da Europa, a receber o Movimento dos Focolares. Inicialmente o Movimento reuniu pessoas que se declaravam Católicas Romanas, mas aos poucos pessoas de outras denominações religiosas foram se somando ao número crescente de adeptos, de simpatizantes dos ideais do Movimento e de sua fundadora.

As primeiras cidades que receberam o Focolare foram italianas, como Roma (cidade para onde Chiara Lubich se transferiu em 1948), Florença, Milão,

Siracusa etc. Em 1956, o Movimento dos Focolares começa então a se espalhar por todos os outros países europeus. Já em 1958, começa sua difusão pela América Latina e em 1961 na América do Norte. Nos anos de 1963, 1966 e 1969, começa a irradiação do Movimento dos Focolares pela África, Ásia e Austrália, respectivamente.

Em 1959, chegam ao Brasil, mais especificamente na cidade de Recife-PE, os consagrados Rino, Marco, Marisa Volo Ginetta Calliari, Violleta e Fiore (todos, hoje, já falecidos), onde fundaram um Centro do Movimento. Logo, o Movimento se espalha por todo o Brasil, tendo como característica principal a harmonia social.

Surgiram muitas obras sociais, como efeito de uma vida enraizada no Evangelho, como exemplo temos a Ilha de Santa Terezinha em Recife e o Jardim Margarida em São Paulo.

Em 1965, nos arredores de Recife-PE, nasceu a primeira Mariapolis permanente no Brasil. Nos anos seguintes nasceram as Mariópolis em São Paulo e Belém. Hoje existem centros em quase todas as capitais brasileiras e em algumas outras cidades do país.

E foi também aqui no Brasil, que em 1991, nasceu a iniciativa conhecida como *Economia de Comunhão* (EdC). Depois de ver a realidade social na cidade de São Paulo, Chiara Lubich, lançou as bases de uma verdadeira revolução no mundo econômico com essa iniciativa, que hoje é conhecida no mundo inteiro.

CAPÍTULO 2 - ECONOMIA DE COMUNHÃO (EDC)



Figura 1: Logotipo da Economia de Comunhão

2.1 Religião, Economia e Capitalismo

Max Weber, em seu “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, explica o maior desenvolvimento capitalista nos países de confissão protestante no século XIX e a maior quantidade de protestantes empresários, atribuindo tal consequência à ética calvinista (ou presbiteriana) que deu o tom a muitos movimentos nascidos da Reforma do século XVI. Além disso, para Weber, o estilo de vida católico jogava para outra vida a busca da felicidade. A culpa católica tolhia a acumulação de capital e a lógica da divisão do trabalho, motores elementares do desenvolvimento capitalista (NERI, 2007).

Ainda em Weber, o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação privada de capital. Os novos movimentos religiosos emergentes lideraram a acumulação privada de capital, em função da moral pregada pelas igrejas de orientação calvinista. A maior vinculação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria uma marca dos novos ramos religiosos hoje no Brasil e na América Latina.

Max Weber observou que a expansão do calvinismo na Inglaterra coincidiu com o aparecimento do modo de produção capitalista. Os preceitos religiosos que constituíram o calvinismo levaram os crentes a adotarem um estilo de vida diferente, que foi denominado por Weber como ascetismo, que levavam os crentes calvinistas a valorizarem o trabalho secular, o lucro e a acumulação de riquezas materiais.

A religião pode afetar diretamente a produtividade, pois a maioria das grandes religiões tendem a exaltar as virtudes como a disciplina, sacrifício e parcimônia. Algumas chegam a pregar o sucesso e a prosperidade (exemplo, os calvinistas) ou o sacrifício aqui na terra, virtudes que se transformarão em coisas boas, no céu, após a morte.

A noção do mundo ocidental sobre o “sacrifício necessário” está fortemente marcada pela interpretação da cristandade sobre a morte de Jesus Cristo. Com a morte redentora de Jesus na cruz, acabou consolidando a ideia de que não há salvação sem sacrifício.

Sabe-se que o sistema de mercado tomou um pouco para si a ideia de uma teologia sacrificial. Em função disso, na luta contra a incompreensão e insensibilidade que marca o tempo atual, é importante demonstrar que o sofrimento, em particular o dos pobres e oprimidos por sistemas econômicos opressores e injustos, não é uma exigência de Deus para a salvação (CHAGAS, 2004).

Dois economistas, professores e pesquisadores de Harvard (EUA), Robert Barro e sua esposa Rachel McCleary, descobriram que a religião tem uma repercussão mensurável sobre as economias em desenvolvimento. Após análises e estudos em 59 países, eles perceberam uma forte correlação entre o crescimento econômico e certas mudanças nas crenças, embora apenas para países em desenvolvimento (BARRO; McCLEARY, 2003).

As dimensões sociais da religião, como por exemplo, a capacidade de perdoar, aumento nos níveis de confiança com os outros, nos níveis de reciprocidade, de altruísmo, da honestidade, têm efeitos econômicos, como na diminuição da corrupção, da evasão fiscal, no aumento do número de trabalhos voluntários ou no aumento da produtividade no trabalho como resposta a um repêito ao trabalhador e a um incremento salarial.

Ricardo Mariano, professor da PUC-RS declarou em uma entrevista dada em a Folha de São Paulo (edições de 27.05.2010) que: “Em geral, as religiões ajudam seus adeptos a lidar com a pobreza, explicam e justificam sua posição social, oferecem esperança, satisfação emocional e soluções mágicas para enfrentar problemas imediatos do cotidiano”. “As religiões de salvação prometem ainda

compensações para os sofrimentos e insuficiências desta vida no outro mundo” (MARIANO, 2010). No entanto, ele mesmo afirmara, em artigo publicado em 1999, que o futuro das sociedades latino-americanas, o Brasil especialmente, não seria protestante” (MARIANO, 1999).

2.2 A Economia de Comunhão (EdC)

A palavra “economia” deriva da união dos termos gregos “*oikos*” (casa) e “*nomos*” (costume, lei) transformando-se em “regras ou administração da casa, do lar”⁴.

Segundo os economistas, a atividade econômica é o conjunto de atividades desenvolvidas pelos homens visando a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços necessários à sobrevivência e à qualidade de vida. E economia capitalista é definida como uma organização das atividades econômicas por meio do mercado, baseada na propriedade privada e na qual a *grande maioria das transações é mediada pelo dinheiro* (Grifos nossos).

A ciência econômica tenta explicar o funcionamento dos sistemas econômicos e as relações com os agentes econômicos (empresas ou pessoas físicas), refletindo sobre os problemas existentes e propondo soluções.

Faz-se necessária uma breve distinção entre a Economia de Comunhão (EdC) e a Economia Solidária (ES). A Economia de Comunhão, como veremos, é uma economia que propõe uma nova mentalidade de gestão que faz com que as empresas percam sua característica típica de acumulação para demonstrar outras práticas, como a da comunhão. Já a Economia Solidária, de acordo com Paul Singer, se caracteriza por um ato de vontade de construir uma sociedade melhor do que a que vem se apresentando (SINGER, 2005).

Percebe-se que a Economia de Comunhão e a Economia Solidária são duas propostas de cunho social e empresarial concomitante, que buscam o progresso do ser humano. A EdC se aproxima da ES porque teve como inspiração a situação de pobreza presenciada por Chiara Lubich. Mas se distinguem porque a

⁴ Definição retirada do site: <http://www.significados.com.br/economia/>

EdC nasceu dentro de uma comunidade, com uma filosofia própria que se estendeu para o mundo empresarial.

Além desta distinção entre a EdC e ES é a forma do próprio empreendimento, já que na ES encontram-se a autogestão e o cooperativismo como uma de suas principais características. E na EdC, temos como base a empresa capitalista.

É interessante perceber que na EdC é o próprio capitalista que tem a oportunidade de fazer algo pela população que o circunda, já na ES são os próprios trabalhadores que entre si se organizam e por vezes têm até a marca do sindicalismo ou possui algum vínculo político.

A Economia de Comunhão (EdC) foi criada por Chiara Lubich, em 1991, na cidade de São Paulo-SP. Nela estão envolvidos empresários, trabalhadores, gestores, consumidores etc., com todo o empenho para promover uma prática e uma cultura econômica que se volta para a *gratuidade, reciprocidade e comunhão*. E que busca promover uma cultura e uma vida alternativa àquela vida proposta pelo sistema capitalista.

A principal característica que a distingue dos outros sistemas econômicos é a sua filosofia de repartição dos benefícios resultantes da atividade lucrativa das empresas.

Segundo Luigino Bruni (2005, p. 29 s),

O primeiro ponto característico da EdC é que ela normalmente se volta a empresas comerciais, que na classificação habitual se chama de empresas “com fins lucrativos”, uma vez que sua forma jurídica foi concebida para a apropriação privada do lucro a Empresa.[...] Chiara mesma, no lançamento do projeto, em 1991, não propôs, como naturalmente fosse esperado, a criação de fundações, ou de instituições de caridade ou assistenciais; ao contrário, desde o princípio ela falou em *empresas*, instrumento insólito para resolver um problema de solidariedade.

É uma nova proposta do Focolare, que quer suscitar uma nova mentalidade, uma nova cultura: *a cultura da partilha*. Lançado como uma proposta avançada para o pensamento e a práxis econômica: a Economia de Comunhão na liberdade.

O lucro da empresa deve ser colocado em comum, mas destinados a três objetivos precisos: 1. *O pobre*; os pobres da comunidade e também aqueles que têm relação vital com ela. 2. *Patrocínio da formação humana*; corresponde à exigência de visar ao desenvolvimento integral de toda a pessoa e 3. *Investimento na empresa de modo que ela se mantenha economicamente viável*; a empresa deve desenvolver-se e crescer e para isso necessita de autofinanciamento e investimento.

É uma proposta que busca a quebra de um antigo paradigma, ou seja, que busca somente o lucro, algo altamente individualista e o surgimento de outro, isto é, a encarnação de um paradigma da Unidade e da solidariedade entre os homens, que devem partilhar o resultado de seu trabalho e também dividir a responsabilidade dos riscos da atividade econômica.

Os destinatários deste processo econômico são os pobres.

De acordo com Chiara Lubich (2004):

Aqueles que se encontram em dificuldades econômicas, destinatários de uma parte do lucro, não são considerados “assistidos”, nem “beneficiários” da empresa. São membros essenciais, ativos do projeto, na qual eles dão aos outros as próprias necessidades [...]. Na Economia de Comunhão a ênfase, na verdade, não é dada à filantropia por parte de alguns, mas antes à partilha, na qual cada um dá e recebe com igual dignidade.

O aspecto da gratuidade é de suma importância, pois nos aproxima do próximo. Pelo princípio da gratuidade é entendida como aquela atitude que me leva a aproximar do próximo, de cada pessoa e de mim mesmo.

É necessário entendermos bem o princípio da gratuidade preconizado pela EdC. A gratuidade de que fala a EdC é uma gratuidade que nasce da consciência de que se deve ajudar o próximo, de que é muito difícil ser feliz sozinho.

De acordo com a socióloga brasileira Vera Araújo (2000)

Não se trata de ser generosos, de fazer beneficência ou filantropia, muito menos de abraçar a causa do assistencialismo. Trata-se de muito mais de conhecer e viver a dimensão do dom de doar-se como essencial à existência da pessoa. A cultura do dar engloba seja a uma visão do conjunto – o homem no seu relacionar-se como o certo e o fim de cada atividade e realidade – seja uma série de atitudes e comportamentos que qualificam as relações humanas e as encaminham em direção a comunhão, aqui é usado como sinônimo

de unidade. Assim, que tudo é dom e um contínuo doar-se. A verdadeira identidade da criatura humana se exprime no ser dom em todas as expressões do seu viver, no estar sempre na posição de doar, de dar. Esta verdadeira arte da dar libera toda uma gama de valores que qualificam o ato de dar: gratuidade, alegria, desinteresse, e o subtraem dos riscos e perigos de serem mal entendidos ou instrumentalizados. Da reciprocidade destas relações nasce a comunhão e a unidade.

A gratuidade é central para a Economia de Comunhão (BRUNI e GUI, 2000). Por quê? Segundo Chiara, a EdC é um ato de amor, ela não nasceu de um sonho utópico, ou um sonho de um reformador econômico. Por isso, surgem muitas dúvidas em relação ao funcionamento, sobre a proposta da EdC. Muitos perguntam: “O que vocês oferecem a quem participa da EdC?” e a resposta é sempre a mesma: “A EdC é a alegria da Comunhão, a festa do dar e a amizade entre os pobres” (BRUNI e GUI, 2000, p.6-10). Somente um tipo de vida empresarial que se torna cultura, qual seja, o da doação, é capaz de assegurar que a EdC se apoie sempre na gratuidade no dom que por sua vez é capaz de gerar a reciprocidade.

Outro aspecto da EdC é o da reciprocidade.

No Século XVIII, durante o período conhecido como iluminismo italiano, um grupo de intelectuais, entre eles, Antônio Genovesi, tentaram inserir raízes humanistas na atividade econômica.

Conhecido como o pai da Ciência Econômica, Genovesi, professor de ética e de filosofia na Universidade de Nápoles, teve uma notoriedade especial. Com a publicação da obra “**Lições de economia civil**” (1765), ele apresentou um entendimento de mercado que tinha como ponto primordial a reciprocidade. Assim, ele se opunha a uma visão da economia assinalada somente pelas permutas impessoais, anônimas e sem conexão com a comunidade.

Para Genovesi a economia civil não é algo que está à margem do mercado, mas que retomava a sua finalidade prioritária. Pois para ele, na economia civil, o lucro não é o único propósito da atividade econômica, embora sendo necessário, mas coexiste com outros valores humanos e, principalmente, com a reciprocidade. E assim gerando laços de confiança, que são exigência para o desenvolvimento econômico.

O aspecto mais aparente da EdC é a Comunhão do Lucro, mas desde os primeiríssimos tempos do projeto, entendeu-se que a *comunhão* é claramente mais exigente do que a mera repartição do lucro. Ela, a comunhão, é a expressão derradeira de uma vida em comunhão, que envolve a vida empresarial inteira.

Não esta se desconsiderando a importância da comunhão do lucro. O lucro é necessário para o desenvolvimento de toda e qualquer empresa, inclusive das que fazem parte do projeto e dos que compartilha o ideal da EdC. Colocar em comunhão o lucro doá-lo com generosidade, é, portanto, expressão da crença e da vida da chamada “cultura da partilha” ou “cultura do dar”.

Para reproduzir as próprias palavras de Chiara Lubich, a comunhão de bens é a base da EdC. E é também o seu “coroamento”, constituído a cima de tudo, o seu “espírito”.

De acordo como Iginio Giordani, após uma análise da mensagem evangélica contra as raízes do capitalismo antigo e que produz efeitos revolucionários que se refere aos relacionamentos sociais, “Jesus não condena os bens; condena o abuso destes” (GIORDANI, 1963, p. 214-216).

Seguindo o chamado de Jesus, alguns participantes do movimento vivem esta vocação particular de “vender os seus bens e dar aos pobres” (Mt 19, 22) de acordo com o espírito característico de comunhão anteriormente mencionado. São aquelas que vivem em comunidade, ou Focolare, e praticam a comunhão dos bens total, dispondo de todos os seus bens, riquezas e disponibilidade pessoal completa. Estas pessoas são os Focolarinos (as).

Já outros permanecem na própria família e conservando as próprias atividades econômicas, realizam uma comunhão de bens parcial. São conhecidos como Voluntários da Obra ou “Voluntários de Deus” e dão seus bens na medida de estabelecida pessoal e livremente. E acarreta em um “dar livremente” o que por vezes é definido com o termo de “superfluo” (o que “sobra”: cf. Lc 11,41). É uma doação que revela o sentido comunitário e que tem uma lado profundamente dinâmico e consciente.

Os que praticam esta forma de comunhão de bens esforçam-se, e neste ponto caminham em direção a Economia de Comunhão, por merecer as palavras

que Jesus dirigiu as que fazem aumentar os “talentos” e “moedas” a eles delegados para multiplicá-los e não para enterrá-los (Mt 25, 14-30; Lc 19, 12-27). É com esse espírito dos “talentos”, trabalho e empenho produtivo, que a Economia de Comunhão age.

A comunhão de bens, como é possível perceber nos relatos do Evangelho, não é somente um recurso para o problema da miséria e da má distribuição das riquezas. Há um alcance religioso bem determinado. Há a exteriorização e a efetivação de uma fraternidade, que é uma indicação característica de uma “nova sociedade”, onde todos são iguais, onde não há só o rico de dá e o pobre que recebe, mas existe uma proporção da doação de dons tanto material quanto espiritual (2 Cor 8, 24).

O Antigo Testamento não condena, todavia, a existência de bens e de riquezas, apenas não assenti que alguns vivam na riqueza enquanto outros vivam na pobreza absoluta, que não têm o necessário para viver dignamente.

A Igreja assume a herança de fazer uma busca de justiça social, que tanto foi pedida pelos profetas do Antigo Testamento. Agora a Igreja tem a plena consciência de buscar desde já a unidade como propósito final de Deus para a humanidade. Ainda de acordo com a narração do Atos dos Apóstolos, o Amor recíproco é o sustentáculo da comunhão de bens, é a expressão máxima da unidade, característica da comunidade escatológica.

No Concílio Vaticano II, percebemos uma mudança efetiva quando tratamos de economia. Pois vemos que há toda uma ideologia econômica baseada na antropologia cristã, dando-nos o mecanismo para a interpretação correta para compreendermos o sentido da apoderamento e do uso dos bens materiais por parte das pessoas.

O próprio Concílio afirma:

Dado que a propriedade e outras formas de domínio privados dos bens externos contribuem para a expressão da pessoa e lhe dão ocasião de exercer a própria função na sociedade e na economia, é

de grande importância que se fomente o acesso dos indivíduos e grupos, a um certo domínio destes bens. (GS 71)⁵

Para isso, conforme as ideias da EdC, faz-se necessário o surgimento de “homens novos”, indivíduos movidos pelo espírito da comunhão e solidariedade, capazes de criar uma sociedade nova, alicerçada na “cultura do dar” em contraposição a tão difundida “cultura do ter”.

Segundo Araújo (1998, p. 11):

A Economia de Comunhão consiste em direcionar a firma ou empresa a constituir-se como comunidade de pessoas altamente responsáveis e motivadas - voltadas a produção de bens – e usar o lucro em vista de uma sociedade solitária aos excluídos, aos marginalizados, em uma palavra, aos necessitados.

A comunhão também é um item da cooperação. Mas é uma cooperação essencialmente diferente da cooperação típica da economia comercial. Na racionalidade da comunhão, a cooperação só é alcançada quando nos vinculamos às regras não oportunistas, pois muitos dos atos que vivemos na vida cotidiana encontram fundamento na lógica individualista.

No pensamento Marxista, a partir dos estudos de história e economia política, chegou-se ao entendimento de que a vida de cada pessoa e o futuro da humanidade é determinada pela diferente disposição dos vínculos econômicos e por consequência, das relações sociais e política entre os homens.

Karl Marx, em um de seus escritos, diz:

São os homens que desenvolvem a sua produção material e seu intercambio material que, ao mudarem sua realidade, mudam também seu pensamento e os produtos de seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência (MARX E ENGELS, 1984, p. 23).

No pensamento de Marx, a substancia ou essência do homem resume-se toda nas condições econômico-sociais de sua existência, exatamente porque o homem é no fundo um sujeito com necessidades econômicas.

⁵ A doutrina social da Igreja sempre defendeu a participação de um grande numero de pessoas no capital produtivo, porque a propriedade é um dos principais meios para proteger a liberdade e a responsabilidade das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade. (São João Paulo II, 1991)

O homem para Marx é, por sua própria natureza, um *homo economicus*, que está sempre em busca da satisfação das suas necessidades econômicas fundamentais. Por isso, Marx também classifica o homem como um *homo faber*, ou seja, um homem que faz, pois tudo que o homem é e faz tem desde seu início um sentido social. E seu trabalho pode ser qualificado como *antropógeno*, isto é, atividade pela qual o homem é homem e se diferencia de todos os outros seres vivos. Pois o seu ser e o seu agir são frutos das diferentes relações econômicas entre os homens (MARX E ENGLES, 1984, p. 15)

O próprio Magistério da Igreja, referindo-se provavelmente à famosa convocação de solidariedade entre os trabalhadores (“proletariado de todo o mundo, uni-vos”), com o qual Marx e Engels finalizaram o *Manifesto do partido comunista*, ressalta:

O apelo à solidariedade e à ação comum, lançado aos homens do trabalho, sobretudo aos do trabalho setorial, monótono e despersonalizante, nas grandes instalações industriais, quando a máquina tende a dominar o homem, tinha um valor importante e uma eloquência própria, sob o ponto de vista da ética social.

Diferente do comunismo, o capitalismo nasceu como um sistema econômico que tem por base o princípio da livre iniciativa, e principalmente como um sistema de livre investimento de capitais privados, onde o único objetivo que se tem é o lucro econômico de quem investe seu capital em alguma atividade empresarial.

Mas, onde está o homem nesta lógica capitalista? No mundo capitalista, o homem é visto como somente como produtor-consumidor dos bens econômicos. Onde o homem só é homem, onde o homem só tem valor e importância quando dispõe, quando adquire os bens econômicos.

Por conseguinte, podemos perceber que a consequência fundamental desta situação é de que aquele que nada tem, nada é e sequer existe com sujeito de direitos e deveres, não sendo, por isso, merecedor de respeito.

Neste sistema lógico capitalista de mercado existe um fundamento de violência. Esta violência é fruto do princípio da *competição absoluta* (ou livre), ou de uma espécie de “queda de braço” entre o sistema capitalista e o homem.

Esta proposta de Chiara Lubich não é a primeira a dar outra visão ao desejo do lucro como função de motor por excelência da capacidade empreendedora e criativa. Ela está voltada para o progresso de um sistema econômico de pequenos e médios negócios muito variados. Trata-se de um veio antigo. Podemos tomar como exemplo as empresas públicas (ou estatais) com finalidades sociais.

A forma de propriedade destas firmas ou empresas é privada, portanto, o proprietário não é alguma comunidade ou *kolkhoz*⁶. As empresas que trabalham de acordo com os princípios da EdC desenvolvem uma atividade econômica normal, de acordo com o princípio da economia de mercado, portanto, aumentam a própria competitividade através da melhoria da qualidade, da inovação tecnológica etc.

No projeto de Economia de Comunhão, não há rejeição alguma às estruturas econômicas “capitalistas”, e em especial às empresas comerciais, na forma de uma sociedade de capitais. O que vemos na EdC é que ele assume forma e substancia mais precisa do agir econômico. Pois o fato de colocar em comum os próprios bens não gera uma rejeição ao lucro, mas um uso ativo destes recursos econômicos.

A EdC surge exatamente em contrapartida ao modo de pensar e agir egoisticamente. O homem no centro da Economia deve existir de maneira comunitária. Mas isso não quer dizer que o sistema proposto é o socialismo. Ao contrário, no capitalismo tem-se a maneira de produzir a obtenção de lucros cada vez maiores, com a minimização das despesas, otimização dos resultados. No lugar de uma exploração do trabalhador, da obtenção do lucro destinada apenas ao empregador, é feita uma distribuição em três partes conforme dito anteriormente. Ou seja, uma parte para ajudar as pessoas em situação de pobreza; outra parte para patrocinar a formação humana e uma terceira parte para reinvestimento na própria empresa.

Segundo Chiara Lubich (2004, p. 37-47),

⁶ Pequena comunidade israelense economicamente autônoma com base em trabalho agrícola ou agroindustrial, caracterizada por uma organização igualitária e democrática, obtida pela propriedade coletiva dos meios de produção e da administração conduzida por todos os seus integrantes em assembleias gerais regulares.

Nos nossos ambientes, nos nossos congressos, sempre falamos sobre esse assunto, e essas palavras nos parecem muito importantes. Não são essas palavras, talvez, o antídoto para a “Cultura do dar” que hoje prevalece, exatamente na economia? Com certeza! Mas, às vezes, pode-se ter depositado uma confiança excessiva na expressão “Cultura da partilha”, dando-lhe uma interpretação um pouco simplista e redutiva. Com efeito, nem sempre ela significa o despojamento de algo para doá-lo. Na realidade, essas palavras exprimem aquela típica cultura que o nosso movimento traz em si e irradia no mundo. É a cultura do amor.

A novidade do agir econômico, proposto pela Economia de Comunhão, é a da busca de uma sociedade mais justa e uma globalização livre de fronteiras entre pobres e ricos, dentro do próprio projeto da essência humana, que é a partilha do dar. E essa novidade da EdC só será concretamente realizada quando for encontrada alguma relação espiritual e material para o bem comum de todos. Colocar os lucros da empresa, em comum aos pobres, é gerar disponibilidades de se fazerem partilhas com possibilidades de um novo agir humano. E com certeza de uma atitude de harmonia, de colaboração real e autêntica. É, portanto, a oportunidade de viver o Evangelho de Cristo.

Trata-se de um desafio para a EdC neste terceiro milênio, ou seja, ter uma economia em “várias dimensões”. Pois não só recompõe a vida afetiva, familiar, espiritual do indivíduo como expressões de valores “elevados”, como também trata de valores não menos importantes como o trabalho, constituição de empresas, produção e comercialização.

Serafim (2001), em suas pesquisas, detectou a contribuição da Economia de Comunhão na ética nos espaços de produção. Em seus estudos, foi demonstrado que existe a disseminação da ética primeiramente por parte dos empresários e dirigentes das empresas, de modo que todos se sentem influenciados e passem a entender que a ética é algo que também faz parte de todos os integrantes da empresa.

A Economia de Comunhão “é um novo modo ativo e viável” de se praticar a economia. Não é uma convocatória ao assistencialismo, embora seja guiado na caridade.

O que se busca é a integração entre o mercado de trabalho e a proteção da dignidade humana muitas vezes violada pela marginalização. Por isso, não basta

uma contribuição financeira, é preciso que exista meios de se colocar em pratica a gratuidade e a reciprocidade.

E para que isso se torne possível, a Economia de Comunhão trabalha em um grande projeto de formação à cultura do dar, através de escolas, encontros de formação com empresários e trabalhadores.

Economia, solidariedade e liberdade são princípios sociais e econômicos, capazes de influírem na solução de graves desequilíbrios econômicos mundiais. (Grifos nossos). As pessoas participam livremente dela, colocando-se a disposição não apenas com os seus bens materiais, mas com seu tempo livre, com suas habilidades profissionais etc. Finalmente, ambiciona colaborar para o restabelecimento não apenas socioeconômico da sociedade, mas também do aspecto espiritual e cultural desta sociedade.

Por consequência, a existência deste tipo de empresa que destina o uso de ativo e social dos bens para a construção de “homens novos”, onde os recursos que a empresa dispõe, os bens que produz e o lucros que realiza destina-se, como foi visto, não para o acréscimo da produção da própria empresa, mas principalmente está voltado para a promoção humana dos indivíduos e de toda a sociedade, e em especial aos que se encontram em estado de necessidade.

Esta proposta, esta nova visão da economia, resumida na expressão da EdC, propõe uma revisão muito grande da cultura econômica, para que se possa defini-la como cultura do dar. E o bem comum da sociedade é o ponto de partida, pois a Economia de Comunhão não quer só tratar da perspectiva econômica de uma sociedade, mas também do aspecto social e como é seu funcionamento.

Está enraizado nos princípios da EdC, o princípio do bem comum. É algo sólido, que pode ser entendido sem equívocos, e por isso concreto, sem aquele pensamento utópico. O bem comum representa a verdadeira referência, ou seja, ele representa o suporte da Economia de Comunhão.

Não se trata de puro assistencialismo, a EdC é um projeto que tem princípios sólidos, que tem base econômica e social, que busca colocar em prática uma economia voltada para o social, uma economia justa, com fundamentos justos.

Esta experiência do Movimento dos Focolares e suas realizações representam em pequena proporção o que a história atual exige em escala maior, mas a EdC faz isso de uma maneira autêntica e em plenitude, por isso se realiza de uma forma concreta na sociedade.

Atualmente mais de 700 (setecentas) empresas, no mundo inteiro, aderiram a Economia de Comunhão. No Brasil, encontraram mais de 80 delas.

Chiara Lubich ao pensar na Economia de Comunhão, propôs a existência de Polos produtivos capazes de dar visibilidade à EdC. Em Pernambuco, temos um Polo industrial, chamado de Polo Ginetta – em homenagem a uma focolarina italiana, falecida em 2008 – que está localizado na cidade de Igarassu. Ele está inserido na realidade da Mariapolis Santa Maria, através de estruturas-modelos no âmbito civil, político-econômico, educacional e social.

Polo Ginetta é uma empresa que está estruturada como uma Sociedade Anônima, de capital fechado. Hoje conta com mil cento e dez acionistas brasileiros e estrangeiros, sendo sua maioria composta por pessoas do nordeste brasileiro.

É, de fato, uma proposta provocadora, para homens e mulheres que pretendem viver a Unidade e a proposta evangélica de Cristo.

Em uma de suas últimas visitas ao Brasil, Chiara Lubich foi recebida pelo Prof. Franco Montoro, que se dirigiu a ela em um discurso proferido na USP, onde reconheceu nas obras e no pensamento do movimento, não apenas no Brasil, um “testemunho coerente que arrastou milhões de pessoas. Salvou os direitos dos homens nos tempos das ditaduras, e no boom da ciência, demonstrou qual ética deve guiar-nos. Promoveu o amor e a fraternidade universal”.

2.3 A originalidade da Economia de Comunhão

Depois de vermos como nasceu o Movimento dos Focolares e a da Economia de Comunhão no seio deste movimento ecumênico, nos questionamos agora como este tipo de economia civil se propõe a resolver questões de ordem econômica e social no interior do Movimento dos focolares. E qual seria a motivação dos empreendedores (empresários) em participar deste tipo de economia? Até que ponto os valores relativos a espiritualidade leva o indivíduo a atitudes éticas no campo da economia? Há ainda a indagação se a proposta da EdC possui possibilidades de generalização ou esta limitada ao Movimento os Focolares?

A EdC foi iniciada no Brasil em 1991 e atualmente esta presente em cerca de quarenta países. Surge em um contexto histórico mundial pós-queda do muro de Berlim, que simbolizava a presença do comunismo em oposição ao capitalismo.

Como visto no capítulo anterior, a EdC tem uma proposta e uma prática econômica um tanto quanto “original”, pois se baseia na construção de empresas que têm por escopo principal, além da obtenção de renda e da geração de emprego, também busca realizar a comunhão dos lucros obtidos pela empresa em três finalidades centrais: a) investimento na própria empresa; b) investimento na formação humana, com base na difusão da cultura da comunhão e c) distribuir uma terça parte do lucro com pessoas de baixa renda ou em situações de pobreza (aqui é que reside a “originalidade” da EdC) até que elas encontrem os meios de se sustentarem e garantirem suas necessidades básicas.

A proposta de Chiara Lubich é uma proposta muito simples. É uma concepção que está em conformidade com uma das poucas unanimidades que hoje existem entre o mundo acadêmico e a política econômica: a de se considerar a má repartição de renda e a alta taxa de desemprego como um dos problemas mais graves do sistema capitalista.

O desemprego e o subemprego são amostras de uma grande mudança de qualidade das condições salariais do trabalhador.

Quando do nascimento do Projeto da Economia de Comunhão (EdC), que inicialmente se chamava Projeto Brasil⁷, três fatores foram de fundamental importância, segundo a própria Chiara Lubich, 1) a lembrança de um acontecimento em Einsieden – Suíça, em 1961; 2) a leitura do livro *Protagonisti Oggi*, do sociólogo italiano Secondini e 3) a leitura da Encíclica *Centesimus Annus* lançada naqueles dias.

O primeiro fator a impulsionar o nascimento da EdC foi o surgimento das Mariápolis que foram inspiradas em uma grande abadia beneditina localizada nos Alpes suíços, onde eles (monges beneditinos) moravam, estudavam, rezavam, trabalhavam e ainda criavam animais.

O segundo fator impulsionante foi quando da leitura do livro de Secondini onde o autor diz que atualmente os grandes protagonistas a igreja no mundo são os movimentos, incluindo aqueles no seu interior e que indicava uma “terceira via” entre o comunismo e o capitalismo. Por isso, não há como não fazer uma comparação com a prática comum do Movimento dos Focolares, que vai de encontro a toda lógica capitalista e a todo ideário comunista, ou seja, a prática da comunhão de bens. Comunhão de bens que decorre do modo de vida protagonizado pelo Movimento dos Focolares, que contrastava e questionava o espaçamento e a ideia de antagonismo entre a vida religiosa e a vida civil e econômica.

O último fator importante que fez Chiara Lubich impulsionar a EdC foi a publicação a encíclica *Centesimus Annus*, na qual o Papa João Paulo II convida à solidariedade de um sistema econômico com alcance mundial.

Neste documento o Papa coloca em destaque os limites da cultura do capitalismo e do comunismo e sugere uma economia que esta em bastante consonância com a visão da Economia de Comunhão.

Em um capítulo da encíclica (83) João Paulo II se posiciona em relação ao capitalismo, a empresa e ao mercado:

⁷ Projeto Brasil porque além de nascer em terras brasileiras seria uma experiência piloto, restrita, portanto, aos confins nacionais. A ideia porém ganhou forças e naqueles dias realizava-se em Castelgandolfo, nos castelos Romanos, região próxima Roma, um encontro internacional do Movimento dos Focolares envolvendo as pessoas empenhadas no “mundo da economia e do trabalho”. Em razão da rápida comunicação, característica muito acentuada no Movimento dos Focolares, o projeto tornou-se imediatamente internacional.

Pode-se dizer que, depois do fracasso do comunismo, o sistema social vencedor seja o capitalismo, e é em direção a esse que serão encaminhados os esforços de muitos países que buscam reconstruir a própria economia e a sociedade? Talvez seja esse o modelo a ser proposto aos países do terceiro mundo que buscam a via do verdadeiro progresso econômico e civil? A resposta é obviamente complexa. Se por capitalismo se indica um sistema econômico que reconhece o papel positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da responsabilidade pelos meios de produção, pela livre criatividade humana no setor econômico, a resposta seria certamente positiva, mesmo se talvez seria mais apropriada falar economia de empresa, ou de mercado, ou simplesmente de economia livre. Mas se por capitalismo entende-se um sistema no qual a liberdade no setor da economia não é enquadrada em um sólido contexto jurídico que a coloque a serviço da liberdade humana integral e a considere como uma particular dimensão desta liberdade, cujo centro seja ético e religioso, então a resposta é decisivamente negativa.

Nesta mesma encíclica, no parágrafo 73, o papa também diz algo sobre o lucro:

A igreja reconhece a justa função do lucro, como indicador do bom andamento da empresa, todavia o lucro não é o único índice das condições de uma empresa. A finalidade da empresa, de fato, não é simplesmente a produção do lucro, mas a própria existência da empresa como uma comunidade de homens que, de modos diferentes, buscam a satisfação das próprias necessidades fundamentais e constituem um grupo particular à serviço da sociedade. O lucro é o regulador da vida empresarial, mas não é o único, e a esse vai acrescida a consideração de outros fatores humanos e morais que, ao longo do período, são a menos igualmente essenciais para a vida da empresa.

Em outro parágrafo, o de número 75, o papa ressalta:

Ressalto que a escolha em investir em determinado lugar que em outro, em determinado setor produtivo que em outro é sempre uma escolha moral e cultural. Colocadas algumas condições econômicas e de estabilidades políticas absolutamente imprescindíveis, a decisão de investir, isto é, de oferecer a um povo a ocasião de valorizar o próprio trabalho, é também determinada por uma postura de simpatia e confiança na Providência, que revelam a qualidade humana daqueles que decidem.

Esta encíclica foi tão importante para a formação da EdC, que em um de seus discursos, Chiara Lubich (1991) faz referência a ela dizendo:

É uma encíclica maravilhosa porque faz uma radiografia de toda situação econômica, social e política da atualidade. Situação que, vocês sabem, é dramática em muitos lugares, como aqui na América

do Sul, situação que é um pouco melhor em outros países, mas ainda assim com coisas a serem corrigidas (...). Nesta encíclica ela dedica um capítulo para o comunismo e outro para o capitalismo (...) reafirma a legitimidade da propriedade privada, diz que a liberdade de iniciativa é justa mas que é necessário salvaguardar os direitos humanos em todos os aspectos. E ainda falta a solidariedade.

Nas mensagens de Cristo há um aspecto da renovação social, como ideias revolucionárias para as relações sociais. A doutrina social da igreja a partir da *Rerum Novarum* (1891) já aborda uma preocupação com o que convencionou chamar de “questão social”. A proposta da fundadora do Movimento dos Focolares está fundamentada nesta base mais social da igreja.

Portanto, a EdC se incorpora neste contexto social, nos ensinamentos sociais da igreja, ao realizar algumas regulamentações e abrindo também novas perspectivas.

Outra encíclica bastante importante para a construção social da EdC é a *Mater et Magistra* (1961) de João XXIII. Ela não se refere somente ao caráter social e natural da propriedade privada e dos meios de produção, mas afirma também a necessidade de sua irradiação entre todas as classes sociais. Esta encíclica é considerada a mais democrática entre todas as outras escritas até então.

Já a encíclica *Centesimus Annus* (1991) que foi escrita em um período de grandes turbulências políticas e econômicas porque passava o mundo ocidental, como a queda do muro de Berlim e a posterior fragmentação do leste do continente europeu, e que serviu de inspiração para Chiara Lubich, onde o papa faz severas críticas ao socialismo e ao capitalismo. Nela o papa afirma no parágrafo 27:

necessidade de abandonar a mentalidade que considera o pobre – pessoas e povos – como fardos e indivíduos inconvenientes que pretendem consumir tudo o que os outros produzem. Os pobres possuem o direito de participar no usufruto dos bens materiais e de fazer render a sua capacidade de trabalho, criando assim um mundo mais justo e mais próspero para todos. Neste sentido, é correto falar da luta contra um sistema econômico, visto com um método que assegura a prevalência absoluta do capital, da posse dos meios de produção e da terra, relativamente à livre subjetividade do trabalho do homem.

E ele continua nos parágrafos 37 e 41:

inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado “socialismo real” deixe o capitalismo como único modelo de organização econômica. Torna-se necessário quebrar as barreiras e os monopólios que deixam tantos povos à margem do progresso, e garantir, a todos os indivíduos e Nações, as condições basilares que lhes permitam participar no desenvolvimento. Tal objetivo requer esforços programados e responsáveis por parte de toda comunidade internacional. Salientando que há um limite para o mercado: há necessidades coletivas e qualitativas, que não podem ser satisfeitas através dos seus mecanismos; existem exigências humanas importantes, que escapam à sua lógica; há bens que, devido à sua natureza, não podem nem devem vender e comprar.

Através destas encíclicas sociais, identificamos que a questão social é percebida e o pensamento social da Igreja se volta para ela mesma, ou seja, para o próprio clero.

Há algumas estruturas econômicas, financeiras e políticas que se vinculam ao mal, a opressão e a imposição. O Papa Carol Woityla (João Paulo II) as chamou de “estruturas de pecado”. E no alicerce disso tudo estão dois importantes comportamentos: a busca ávida pelo lucro e a sede do poder. Mas estes podem ser superados pela cultura do dar.

E nessa perspectiva, segundo os criadores da EdC, a pobreza e as “estruturas de pecado” devem ser combatidas porque induzem as pessoas ao pecado. A afirmação gera questionamento: a que tipos de pecado estariam se referindo? À preguiça, ao ócio impostos pelo desemprego? A busca ávida pelo lucro? Ou a sede de poder? Ao furto para matar a fome? Tal questão não fica clara. Novamente, não se considera a questão da injustiça social nem se considera como pecadores aqueles que produzem a miséria: a miséria, diz São Basílio, induz ao pecado. Nós não podemos querer o pecado. Portanto, não devemos querer a miséria. (GUI, B. 2002b, p. 10-11).

O Movimento dos Focolares entende que a pobreza não é um infortúnio. Segundo Luigino Bruni (2010), há uma “Bem aventurança” na pobreza. (Mateus 5,3) Onde o empresário, é um construtor e um inovador, não um consumista. O ato de doar o lucro de sua empresa (parte dele), é um ato de pobreza, pois tem um grande valor ético e espiritual. A EdC cuida da pobreza mudando os relacionamentos sociais, econômicos, mudando as pessoas e também as instituições, inclusive as empresas. A EdC está comprometida em mudar as

peçoas, as instituições e as empresas, pois busca erradicar pela raiz as causas dos relacionamentos errados, dos quais dependem nossa miséria e nossa pobreza.

A EdC tem as pessoas como capital principal e fundamental das empresas. São elas (as pessoas) que fazem a diferença, que criam a riqueza e fazem o sucesso das empresas e da comunidade.

Há uma relação direta da EdC com a pobreza. No Brasil, Chiara ficou impressionada com a pobreza e com o abismo social entre ricos e pobres, então conclamou a sociedade brasileira a fazer um algo a mais para resolver esta vergonha.

A EdC surgiu e surge todos os dias de um carisma: o carisma da esperança, da fé no futuro, fé na unidade, fé nos grandes projetos de vida e ideias.

O olhar da EdC está voltado para o futuro, para os grandes projetos, mas de um modo mais particular para a pobreza e para a riqueza não compartilhada, que também é uma forma de pobreza, pois sempre teremos pobre entre nós. Pois, se temos como atração principal a unidade, a fraternidade e a comunhão, o nosso pensamento deverá estar voltado cada vez mais para os pobres que se escondem em convívios injustos, errados.

De acordo com as palavras de Bento XVI:

O princípio da gratuidade e a lógica do dom como expressão da fraternidade, podem e devem encontrar espaço dentro da atividade econômica normal. Esta é uma exigência do homem no momento atual, mas também uma exigência da razão econômica. Trata-se de uma exigência, ao mesmo tempo, da caridade e da verdade. (Caritas in veritate n.36)

Notamos que toda esta tradição da doutrina social da Igreja Católica está presente na realidade e na proposta da EdC. À vista disso, identificamos, segundo Chiara Lubich, que estes formam os elementos que inspiraram o desenvolver do Projeto da EdC: a leitura do livro *Protagonisti Oggi*, a recordação do episódio acontecido em Einsieden e finalmente, a *Centesimus Annus*, que havia sido publicada a pouco tempo.

O *know-how* da EdC nos mostra que é possível utilizar o mercado não apenas para produzir a riqueza de modo eficiente, mas também como meio para

restituí-la de acordo com os parâmetros da equidade. Hoje em dia o Estado/governo é visto como a única instituição responsável pela redistribuição dos recursos produzidos. A Economia de Comunhão contraria esta lógica, pois pode se tornar o mecanismo para reforçar vínculos sociais, favorecendo seja a promoção das práticas da distribuição de riquezas como para a criação de um espaço econômico capaz de regenerar valores como a simpatia, altruísmo etc.

Podemos dizer que tal proposta contribui para o debate sobre a relação estado/mercado redistribuição de renda, dando ao mercado um novo caráter que não só um meio para a acumulação de riquezas.

Chiara Lubich, ao lançar a Economia de Comunhão (EdC), propôs que existissem polos produtivos capacitados a dar visibilidade à EdC, reunindo pessoas e empresas dispostas a construir uma comunidade que dê visibilidade ao projeto, suas peculiaridades, seus conceitos e relevâncias.

Em 29 de maio de 1991, Chiara Lubich fez um pronunciamento quando do lançamento da EdC à comunidade da Mariapolis de Araceli, que hoje é a Mariapolis Ginetta:

Nasceu aqui no Brasil e aqui em Araceli⁸ uma ideia. A ideia que, talvez, Deus chame o nosso movimento no Brasil (200.000 pessoas com os simpatizantes) a atuar uma comunhão de bens globalmente, de todo o movimento e não apenas individualmente e que essa realidade seja vista nas nossas cidadezinhas: na Araceli e Santa Maria.

Então, entendemos que aqui deveriam nascer indústrias, empresas. (...) deveriam, portanto nascer aqui, talvez não dentro da cidadela, mas uma região industrial próxima deveria surgir indústrias, empresas sob o controle de diversas pessoas de todo Brasil, que formariam uma sociedade, um grupo onde cada um possui sua própria participação. E deveriam ser colocadas nas mãos de pessoas competentes de modo que as façam funcionar e os lucros sejam colocados em comum: essa é a novidade.

Seria belíssimo se conseguíssemos, com pequenas iniciativas, adquirir cotas para poder fazer parte dessa sociedade que fará nascer essa cidade industrial, que deveria ser o modelo de uma Economia de Comunhão da qual a Araceli seria o modelo, uma cidade-piloto, um farol.

Esta tudo aqui, ou seja, o lucro deve ser colocado em comum. Capital, capital. Sim, sim, capital, recolhamos também nos o capital é o lucro que será colocado em comum.

⁸ Araceli o antigo nome da Mariapolis em Vargem Grande Paulista/SP. Hoje esta Mariapolis é a Ginetta Calliari. Em homenagem a uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich.

Então, para quais finalidades seriam colocados em comum? É evidente: para os mesmos objetivos das primeiras comunidades cristãs, ou seja, seriam colocados em comum para ajudar aqueles que se encontram em necessidade, procurar um posto de trabalho enquanto isso dar-lhes de comer., se tem necessidade, para organizar-se, etc, etc. Para começar...

Depois, naturalmente, para incrementar um pouco da empresa porque, se essa para, não produz. E ainda para incrementar a cidadela, as suas estruturas, isso para fazer homens novos, porque se não tivermos homens novos, não se fará uma sociedade nova.

A cultura do dar da EdC advém de um estilo de vida comunitário, ou seja, com valores intrínsecos, que não se exprime apenas em uma adesão livre, na adesão ao convite de doar os lucros, mas também em várias ações, tais como, manutenção de um empregado na empresa, que devido a algum problema não daria um retorno econômico para a empresa.

Do mesmo modo que o Polo Empresarial Ginetta, outros Polos produtivos foram se desenvolvendo no mundo. São eles:

- Polo Spartaco (Cotia/São Paulo/Brasil)
- Polo Lionello (Loppiano/Florença/Itália)
- Polo Solidariedad (O'Higgins/Buenos Aires/Argentina)
- Polo Mariapoli Faro (Krivevci/Croácia)
- Polo GiosiGuella (Portugal/Abrigada)

Além desses, estão em fase de estudo os polos empresariais:

- Polo FrancoisNeveux (Bendevides/Pará/Brasil)
- Pólo Filipinas (Filipinas)
- Pólo Ottmaring (Alemanha)

Quando a EdC foi lançada, ela já trazia na sua essência uma caminhada importante de unificação (que tem a importante missão de aproximar em unidade as várias expressões da economia movidas por um ideal e os vários carismas econômicos e sociais). E quem faz parte deste ideal e deste carisma deve ser uma ponte que une e que estreita os laços com todos os pesquisadores e estudiosos de uma economia nova, de uma economia social nova. É uma busca constante pela unidade e combate à pobreza material e espiritual. Pois um de seus pontos-chaves, ou seja, a cultura do dar, o lança para fora. Sem esta cultura do dar, do doar, da partilha, não existiria a Economia de Comunhão.

De acordo com a socióloga Vera Araújo⁹:

O dar é a forma terrena fundamental do ágape e a sua única medida histórica(...). Como tradução terrena do ágape, o dar encontra o seu mais genuíno e profundo significado, que transcende a imediatez da percepção quantitativo-qualitativa, precisamente no amor. (...) O amor verdadeiro, portanto, encontra a sua realização imediata no dar concreto.

Percebe-se um salto muito grande de qualidade quando amamos um amor ágape, porque o doar não é nada mais que o amor concreto. É um amor sem interesse, sem estar contaminado pelo desejo de poder sobre o outro, que busca dominar ou oprimir o outro.

Sendo típico no movimento dos Focolares a “Cultura do dar”, em junção com a compaixão e com o amor que deve ser vivido pelas pessoas e assim frutificar a solidariedade e o esquecimento do individualismo (LUBICH. 2002, p.14). Ou seja, criar empresas administradas por pessoas competentes, para que sejam capazes de produzir lucro. Frustrando assim que a economia seja marcada pelo individualismo, que é o distintivo das relações econômicas num sistema de mercado, no qual a mola mestra é o interesse individual sobre o coletivo.

Ao perceber um enorme contraste entre a pobreza e a riqueza na cidade de São Paulo, verificou-se que uma quantidade muito grande dos participantes do Movimento dos Focolares vivia em situação de pobreza e o que era feito através da comunhão de bens¹⁰ dos integrantes mais abastados do Movimento não estava sendo o suficiente. E foi aí que surgiu a ideia de se criar empresas que pudessem incrementar a receita. Tais empresas deveriam ser constituídas de pessoas comprometidas em fazer o bem, de pessoas éticas e dispostas a dividir com os mais necessitados o fruto de seu trabalho. O intento da Economia de Comunhão é ousado: mudar as empresas para mudar a economia e as pessoas como um todo, buscando reduzir as desigualdades (VILLARD, 2007)

⁹ Palestra da Socióloga Vera Araújo na Jornada conclusiva dos eventos Brasil 2011. Em 29 de Maio de 2011. São Paulo. <http://www.edc-online.org/br/home/eventos-no-brasil/especial-brasil-2011-pt-br-1-1.html>

¹⁰ Bens, materiais ou imateriais, que são colocados em comum para ajudar os que mais necessitam.

Há também outro elemento muito importante na constituição deste modelo de economia sugerido por Chiara Lubich, qual seja a intervenção de Deus. É a partir deste “dar” evangélico, que acontece a abertura para o outro, ou para uma determinada cultura, respeitando as diferenças de tradição e de religião. (LUBICH, 2002. p.19).

Podemos constatar que o lucro não é o objetivo final da EdC, e sim apenas uma de suas características. Trata-se de um novo modo de agir em economia, mesmo que dentro do modelo capitalista, ou seja, a EdC está baseada na distribuição do lucro.

2.4 A presença da Economia de Comunhão no Brasil



Figura 2: Polos de Economia de Comunhão no Brasil

Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=Polo+Ginetta&biw=1366&bih=599&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjU3IbLwITKAhWChpAKHZisAGMQ_AUIBigB&dpr=1#tbn=isch&q=mapa+da+economia+de+comunhao+no+brasil

Seguem algumas tabelas com dados das empresas que compartilham o ideal da EdC no Brasil:

TABELA 1

NUMERO DE EMPRESAS COLIGADAS POR REGIÃO DO BRASIL										
REGIÕES	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
<i>Sudoeste e Centro oeste</i>	35	48	55	58	54	54	54	54	47	57
<i>Sul</i>	7	9	11	10	13	12	12	12	12	14
<i>Nordeste</i>	11	13	12	7	8	8	9	12	11	9
<i>Norte</i>	6	11	8	13	13	13	13	9	9	8
TOTAL	59	81	86	88	88	87	88	87	77	88

FONTE: BRANDALISE (2003)

TABELA 2

NUMERO DE EMPRESAS COLIGADAS POR REGIÃO DO BRASIL QUE ENVIARAM PARTE DO LUCRO PARA A EdC										
REGIÕES	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
<i>Sudoeste e Centro oeste</i>	15	22	31	29	22	25	17	20	19	24
<i>Sul</i>	3	4	4	6	5	5	5	7	5	5
<i>Nordeste</i>	3	8	5	4	2	4	-	1	1	4
<i>Norte</i>	4	5	7	6	9	5	4	2	5	3
TOTAL	25	39	47	45	38	39	26	30	30	36

FONTE: BRANDALISE (2003)

TABELA 3

MEDIA DO LUCRO DISTRIBUIDO POR EMPRESA POR REGIÃO – BRASIL (Em

<i>Euro)</i>										
<i>REGIÕES</i>	<i>1992</i>	<i>1993</i>	<i>1994</i>	<i>1995</i>	<i>1996</i>	<i>1997</i>	<i>1998</i>	<i>1999</i>	<i>2000</i>	<i>2001</i>
<i>Sudoeste e Centro oeste</i>	<i>635</i>	<i>459</i>	<i>314</i>	<i>1095</i>	<i>2414</i>	<i>1224</i>	<i>1144</i>	<i>1170</i>	<i>1161</i>	<i>1287</i>
<i>Sul</i>	<i>237</i>	<i>480</i>	<i>877</i>	<i>1129</i>	<i>1973</i>	<i>2311</i>	<i>2074</i>	<i>1298</i>	<i>1377</i>	<i>2009</i>
<i>Nordeste</i>	<i>212</i>	<i>366</i>	<i>195</i>	<i>563</i>	<i>72</i>	<i>1173</i>	<i>-</i>	<i>318</i>	<i>291</i>	<i>153</i>
<i>Norte</i>	<i>248</i>	<i>174</i>	<i>680</i>	<i>1538</i>	<i>745</i>	<i>705</i>	<i>1405</i>	<i>526</i>	<i>371</i>	<i>460</i>
<i>MEDIA ANO</i>	<i>342</i>	<i>370</i>	<i>517</i>	<i>1081</i>	<i>1301</i>	<i>1353</i>	<i>1541</i>	<i>828</i>	<i>800</i>	<i>977</i>

FONTE: BRANDALISE (2003)

Na análise destes quadros, conclui-se que a baixa média dos valores enviados ao projeto é o fato de que nem todas as empresas que aderiram a EdC fazem a sua contribuição.

Brandalise (2003) indica alguns motivos que possam explicar porque algumas empresas que aderiram ao projeto da EdC não contribuíram em algum período: 1. Não ter tido lucro; 2. Ter obtido lucro, mas, dentro da liberdade que caracteriza o projeto, não o enviaram; 3. Perceberam que tal capital poderia fazer falta e comprometer a continuidade do negócio e 4. Outros.

Abaixo podemos verificar um quadro das empresas que aderiram ao projeto da EdC no mundo.

<i>NUMERO DE EMPRESAS SE EdC POR PAIS EM 2010</i>	
<i>PAIS</i>	<i>NUMERO</i>
<i>Itália</i>	<i>242</i>
<i>Brasil</i>	<i>145</i>
<i>Argentina</i>	<i>52</i>

<i>Sudeste europeu</i>	<i>49</i>
<i>França</i>	<i>34</i>
<i>Suíça</i>	<i>34</i>
<i>Portugal</i>	<i>27</i>
<i>Espanha</i>	<i>26</i>
<i>Estados Unidos</i>	<i>25</i>
<i>Outros (31)</i>	<i>163</i>
<i>Total</i>	<i>797</i>

Fonte: Relatório EdC 2009/2010

Vários países receberam ajuda do projeto da EdC, entre os que mais receberam está o Brasil com 17% do total do arrecadado em 2009, seguido pelos países do sudoeste europeu, com 15% e pelas Filipinas, Uruguai, México, Argentina e Republica do Congo, que juntos receberam 17% do arrecadado¹¹.

O Centro do Movimento dos Focolares ficou com 33%, sendo 28% destinado ao Instituto Sophia, Instituto este que contribui para a formação de pessoas que difundem o ideal da Economia de Comunhão¹².

É importante salientar que a EdC recebe também muita ajuda das contribuições individuais, ou seja, pessoas que fazem parte de nenhuma empresa mas que fazem questão de ajudar, de contribuir com o projeto.

Em 2008, as contribuições individuais chegaram ao montante de £739.753 (Valor este que ultrapassou as contribuições das empresas em 29%). Dinheiro que foi destinado para projetos de assistência e desenvolvimento empresarial. No ano seguinte, a cifra chegou à casa de £714.864 (este valor focou

¹¹ Relatório EdC 2008/2009. Disponível em <http://www.edc-online.org/br/publicacoes/relatorios-edc.html>

¹² Idem

11% abaixo das contribuições das empresas), sendo 92% deste destinado para os mesmos projetos do ano de 2008¹³.

Pelo exposto, vemos que as contribuições individuais têm quase a mesma importância que as contribuições das empresas.

Percebemos que o total de doações feitas por empresas que fazem parte do projeto da EdC no mundo não foram valores expressivos. Em 2009, o montante doado chegou a valor de £796 mil, valor bem inferior ao doado por ONG (Organizações não governamentais) ou empresas filantrópicas aos que necessitam de ajuda¹⁴.

Verifica-se que, quando do seu nascimento em 1991, a proposta da EdC era da divisão do lucro em três partes iguais: um para projetos de assistência, outra parte para o desenvolvimento da própria EdC e uma terceira parte para ser revestida na própria empresa.

No ano de 1998, esta proporção sofreu uma mudança, qual seja, a própria empresa poderia definir a proporção que seria empregada em cada uma das três partes (ou seja, não necessariamente em partes iguais.). Mas isso não desmerece as empresas do projeto da EdC, pois a sociedade e por conseguinte a economia, possuem uma dinamicidade, um movimento muito grande, por isso estão sujeitas a alterações.

O referido trabalho busca pesquisar o impacto deste polo empresarial na comunidade circunvizinha, de que modo tem contribuído para as pessoas que vivem em tal localidade e de que forma coloca em prática os valores e a cultura do dar da EdC.

Portanto, buscamos verificar de que forma esta cultura do dar é colocada em prática na comunidade de Monjope, em Cruz de Rebouças.

Como já foi dito, o polo Ginetta Calliari está localizado na cidade de Igarassu/PE, na estrada de Monjope, no bairro de Monjope. É uma comunidade carente, mas da entrada na estrada de Monjope até a chegada ao Polo Ginetta

¹³ Idem

¹⁴ Relatório EdC 2008/2009. Disponível em <http://www.edc-online.org/br/publicacoes/relatorios-edc.html>

encontramos um posto da USF (Unidade de saúde da família Agamenon Magalhães II), uma escola, alguns pequenos comércios, além de uma pousada (Pousada Vale do Monjope, Km 3).

A estrada encontra-se em uma situação precária, com muitos buracos e pouco asfaltada. Situação que se agrava ainda mais em períodos chuvosos. Trata-se de uma rodovia estadual que dá acesso ao Engenho Monjope e a Estação de tratamento de água do sistema Botafogo.

Durante as pesquisas pude verificar o grande fluxo de pessoas na comunidade, devido ao pequeno comércio, a escola e ao posto de saúde.

2.5 Economia de Comunhão e Economia Solidária: aproximações e distinções

Faz-se necessária uma breve distinção entre a Economia de Comunhão (EdC) e a Economia Solidária (ES). A Economia de Comunhão, como vimos, é uma economia que propõe uma nova mentalidade de gestão que faz com que as empresas percam sua característica típica de acumulação para demonstrar outras práticas, como a da comunhão. Já a Economia Solidária, de acordo com Paul Singer, se caracteriza por um ato de vontade de construir uma sociedade melhor do que a que vem se apresentando (SINGER, 2005. P. 16).

Paul Singer entende como Economia Solidária como:

Temos o direito de conceber a Economia Solidária de acordo com nossos princípios, nossos valores. Por isso que há tantas concepções diferentes de Economia Solidária. Eu acho essa diferença desejável. Eu acharia uma perda se nós colocássemos agora em acordo e disséssemos “economia solidária é isso e quem não achar isso está errado” (SINGER 2005,p. 11).

Percebe-se que a Economia de Comunhão e a Economia Solidária são duas propostas de cunho social e empresarial concomitante, que buscam o progresso do ser humano. A EdC se aproxima da ES porque teve como inspiração a situação de pobreza presenciada por Chiara Lubich. Mas se distinguem porque a EdC nasceu dentro de uma comunidade, com uma filosofia própria que se estendeu para o mundo empresarial.

Além desta distinção entre a EdC e ES, é a forma do próprio empreendimento, já que na ES encontram-se a autogestão e o cooperativismo como uma de suas principais características. E na EdC, temos como base a empresa capitalista.

É interessante perceber que na EdC é o próprio capitalista que tem a oportunidade de fazer algo pela população que o circunda, já na ES são os próprios trabalhadores que entre si se organizam e por vezes têm até a marca do sindicalismo ou possui algum vínculo político.

A Economia de Comunhão (EdC) foi criada por Chiara Lubich, em 1991, na cidade de São Paulo-SP. Nela estão envolvidos empresários, trabalhadores, gestores, consumidores etc., com todo o empenho para promover uma prática e uma cultura econômica que se volta para a gratuidade, reciprocidade e comunhão. E que busca promover uma cultura e uma vida alternativa àquela vida proposta pelo sistema capitalista.

A principal característica que a distingue dos outros sistemas econômicos é a sua filosofia de repartição dos benefícios resultantes da atividade lucrativa das empresas.

A Economia de Comunhão busca incentivar o talento do funcionário nas melhores condições possíveis. Há um incentivo a formação, a reciclagem. Há uma preocupação em propiciar adequadas condições de trabalho. Enfim, uma busca pela saúde e bem estar do empregado.

A Economia Solidária se materializa de várias formas:

1. Na ES existe o COOPERATIVISMO, que é sem dúvida, a forma mais comum de Economia Solidária.

2. CLUBES DE TROCAS, onde “existem espaços para os associados trocarem entre si produtos, serviços e saberes, de uma forma solidária, promovendo a autoajuda, num sistema alternativo ao vigente, que respeita normas éticas e ecológicas” (CASTRO et al, 2003, p. 289).

3. LET'S (sigla em inglês para sistema local de emprego e comércio): é um sistema muito semelhante ao clube de trocas e “é um sistema que congrega

produtores em nível local, para intercambiarem seus produtos mediante créditos mútuos” (SINGER 2000, p. 132). Por meio das LET’S, os pequenos negócios dos associados tornam-se viáveis, devido às preferências para negócios que se criam entre os membros (SINGER, 2000).

4. EMPRESAS AUTOGESTIONARIAS: geralmente nascem da iniciativa dos trabalhadores que se associam e montam uma empresa, não aparecendo aí uma figura do patrão e onde todos são responsáveis pelo bom andamento da empresa ou nascem também quando os trabalhadores assumem uma empresa em falência.

A Economia de Comunhão (EdC) surge como uma filosofia empresarial que vai se materializa no modo de gestão. Ela propõe uma nova mentalidade de gestão que permite fazer com que o meio empresarial perca sua principal característica, ou seja, a acumulação para assim destacar novas práticas, como a da comunhão, tão necessária para os nossos dias atuais. Já a Economia Solidária (ES) é ainda um conceito em construção. Procura criar melhores saídas para as precárias condições de vida dos trabalhadores, constituindo-se uma alternativa para a solução do desemprego.

As duas economias tem objetivos muito semelhantes. Possuem um cunho eminentemente social, buscando a melhoria de vida do ser humano. São semelhantes porque formam inspiradas pela situação de pobreza e igualmente distintas pois a EdC nasce dentro de uma comunidade com uma filosofia própria e que se estendeu para o Destacamos como distinções entre as duas economias, a forma do próprio empreendimento. Já que na Economia Solidária encontramos o corporativismo e a autogestão com uma de suas principais características. E a Economia de Comunhão tem como base a economia capitalista.

CAPÍTULO 3 - O POLO GINETTA E A EXPERIÊNCIA DA ECONOMIA DE COMUNHÃO EM PERNAMBUCO



Figura 3: Polo Ginetta (Fonte: <http://pologinetta.com.br/>)



Figura 4: Mapa do Polo Ginetta. (Fonte: <http://pologinetta.com.br/>)

Fundação: Abril de 2002.
 Razão Social: Polo Empresarial EdC do Nordeste S.A.
 CNPJ:05.251.792/0001-90
 Acionistas : 1.110.

Em endereço estratégico tanto para indústrias como para empresas de médio porte, o Polo Empresarial Ginetta está localizado na Cidade de Igarassu (PE), a 37 km de Recife, a 2 km da BR 101-Norte km 46, 5 km do Centro Comercial e de Serviços do município, além de ser caminho para os polos de desenvolvimento da região.

Em 2002 a primeira ação para o nascimento do Polo: a constituição da Sociedade: *Polo Empresarial EdC do Nordeste S.A.*

Em 2003 foi adquirido o terreno de 8,3 hectares e em 2005 foram realizados investimentos para a construção do Polo. Em 2007 a inauguração do

primeiro galpão. Hoje uma empresa está em funcionamento: A Movelite, que constrói móveis planejados. Atualmente a Movelite conta com oito funcionários.

Além dos dois galpões e a sede administrativa, a infraestrutura do Polo conta com um auditório de 25 lugares completamente equipado e com outras duas salas disponíveis para empresas de serviços. O terceiro galpão, em fase de construção, ampliará a área construída do Polo para os 900 m².

Hoje, no Polo Ginetta, além das iniciativas para um público mais alargado, realizam-se encontros de formação para empresários do Nordeste e eventos para funcionários das empresas ligadas a Economia de Comunhão na região. Os acionistas deste polo são, atualmente, 1.110.

O Polo Empresarial Ginetta está implantado na realidade da Mariápolis Santa Maria, cidade proposta pelo Movimento dos Focolares, através de estruturas-modelo nos âmbitos civil, político-econômico, educacional e social.

O Polo Ginetta, localizado nas proximidades da cidadela¹⁵ Santa Maria, em Igarassu (PE) é o segundo Polo de Economia de Comunhão do Brasil. Deve esse nome a Ginetta Calliari, cofundadora do Movimento dos Focolares pelo papel decisivo que ela teve no desenvolvimento da EdC no Brasil. De fato, Ginetta Calliari aderiu imediatamente à proposta EdC e tinha uma profunda convicção da resposta que o projeto dá à problemática social tão complexa do País.

A missão principal do Polo é promover e dar visibilidade à Economia de Comunhão (EdC), acolhendo pequenas e médias empresas que aderem a este novo estilo de agir econômico, cujo espírito é baseado na valorização do potencial humano, num contexto de liberdade e participação. Portanto, compromete-se a reduzir as desigualdades com os princípios da eficiência empresarial, da rentabilidade e da responsabilidade socioambiental.

O Polo Ginetta oferece toda uma assessoria e estrutura para as empresas que desejem se instalar no espaço.

Ainda no Polo Empresarial Ginetta são realizados eventos voltados à capacitação de empresários, à formação de agentes da EdC e à promoção da

¹⁵ Cidadezinha que segue o carisma do Movimento dos Focolares nas proximidades do centro Mariápolis Santa Maria em Igarassu/PE

própria Economia de Comunhão na Região Nordeste do Brasil. Além disso, realiza ações para o melhor desenvolvimento e visibilidade dos clientes que aderem ao Projeto da Economia de Comunhão.

A EdC conta ainda com uma estrutura nacional que cuida da sistematização de teoria e práticas do projeto: Centro Filadélfia. Onde ficam documentados estudos, pesquisas e publicações relativas à Economia de Comunhão. A sede do Centro Filadélfia é em São Paulo, na Mariápolis Ginetta, que é o centro de formação do Movimento dos Focolares.

Se compararmos com outras experiências de solidariedade na economia, sobretudo os grande movimentos cooperativistas, percebemos que a EdC não se difere muito delas.

Daí surge a questão: onde está o diferencial da EdC quando é feita a comparação com outras economias solidarias que a ela se parece em muitos pontos?

Primeiramente, a EdC se assemelha em muito em certas ideias de economistas clássicos (Genovesi) e não a visão que prevalece hoje.

Para estes economistas, ligados a tradição civil, a economia era vista com um lugar de reciprocidade, de natureza sociável.

Assim vemos que o que inspira a EdC é uma economia com uma visão substancialmente positiva do mercado e da empresa e denuncia uma economia que macula o empregado, que o fere moralmente e espiritualmente. A EdC não tem por base uma cultura fundamentalmente racional, mas de uma cultura e economia que busca ser um dom, como uma dádiva e tem na comunhão um papel substancial. E que tem por princípio a redistribuição e que está voltada para todos os aspectos da vida do homem.

3.1 As empresas do Polo

3.1.1 MOVELITE



Figura 5: Logotipo da Empresa MoveLite

Atualmente no polo Ginetta (Igarassu/PE), está em funcionamento a empresa MOVELITE. Empresa que teve início em 1973 com João Laurindo, quando de sua iniciação no ofício de marceneiro. Em dois anos e meio começou a trabalhar como autônomo e dedicou-se à fabricação de móveis com qualidade estética e funcional, à qualificação de outros jovens, hoje marceneiros no mercado, e à atenção aos mais necessitados.

E de sonho em sonho, foi nascendo a ideia de uma fábrica que se estrutura a partir da experiência de relacionar-se com humildade e paciência. Uma empresa que nasce e cresce a partir do mesmo objetivo de 40 anos atrás: construir sonhos.

Além de clientes diretos e arquitetos de Recife e Região Metropolitana, outros contratos se desenvolveram com os Governos do Município de Recife e do Estado de Pernambuco, além de empresas de engenharia e construtoras.

Em 2006 João Laurindo conhece a proposta empresarial e internacional da Economia de Comunhão (EdC) e inicia os estudos para a estruturação de uma empresa capaz de corresponder aos seus princípios e valores.

E em 6 de abril de 2013 a MoveLite é inaugurada no polo Ginetta.

É a empresa que funciona no galpão do Polo Gineta neste momento.

3.1.2 LADO C



Figura 6: Logotipo da Empresa Lado C

Outra empresa que se instalou no polo Ginetta e que, por conseguinte aderiu ao modelo e a proposta da EdC foi a LADO C.

No Polo Empresarial Ginetta, a LADO C ocupou um galpão de 200 metros quadrados. Eram nove os **primeiros produtos**: nécessaire, avental doméstico, lixeirinha de carro, sacola não retornável para compras, porta níquel, porta celular, porta máquina fotográfica, porta-toalhas e bolsa de praia.

A empresa questionava o mercado vigente, vendo o trabalho como serviço, algo complementar ao que é vivido pelo ser humano, que merece se realizar inteiramente independente da função que exerce na sociedade; vendo o homem como o centro de tudo o que acontece nas empresas ou no mercado. Nem capitalismo, nem modelos que massacram o ser humano, sequer a falta de produtividade, muito menos o assistencialismo, tão pouco o socialismo.

Hoje a empresa já não mais existe.

3.1.3 DALLA STRADA



Figura 7: Logotipo da Empresa Dalla Strada

Em italiano significa “Da estrada”, pois a matéria prima para a fabricação de seus produtos são as lonas de caminhões em desuso e as aparas de jeans que

não estavam servindo para mais nada. Esta empresa também não está mais em funcionamento nos galpões do Polo Ginetta.

3.1.4 PRO DIET



Figura 8: logotipo da Empresa Prodiet

É uma empresa de produção de alimentos para fins especiais, que é a alimentação enteral¹⁶.

Esta empresa não faz mais parte do Polo Ginetta.

3.1.5 SERVIÇOS DE ESCRITÓRIOS VIRTUAIS

Além da empresa instalada no galpão (Movelite) outros clientes usufruem da sede do Polo Ginetta com disponibilidade para: escritório virtual, estação de trabalho, internet banda larga e linha telefônica virtual-voip. Atualmente estes clientes são:

EMANUELE ALMEIDA OLIVEIRA ME: Assaz Gestão e Comunicação Integrada

DOMINUS COMÉRCIO SERV. E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA.

NETSTART SOLUÇÕES EM TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO LTDA – ME:
BEST TECHNOLOGY.

M e M CONSTRUÇÕES E REVESTIMENTOS LTDA.

¹⁶ Quando a alimentação é feita através de sonda gástrica.

3.2 Os empresários e trabalhadores do Polo Ginetta

Ao aderir à EdC, o empresário deve aderir a estratégias, a objetivos e planos empresariais. E deve trabalhar dentro dos padrões éticos, e com lealdade para como os concorrentes. Desta forma vê-se crescer a estima e a confiança por parte dos clientes e também dos trabalhadores. E no centro da empresa deve estar o trabalhador e não o capital, devendo buscar da melhor forma possível os talentos de cada um de seus trabalhadores. Devem assumir com muita responsabilidade as decisões de investimento.

Como toda empresa, as que fazem parte deste projeto da EdC devem ser administradas de uma forma que se aumente os lucros, também deve dar atenção para o crescimento e desenvolvimento da própria empresa e para as pessoas em dificuldade econômica e social.

Tudo isso tem por objetivo fazer crescer nos empresários e trabalhadores um verdadeiro sentimento de lealdade e de comunidade. Todos contribuem para que o ambiente seja harmônico e onde os clientes, fornecedores e trabalhadores se sintam a vontade e trabalhem em sintonia e equilíbrio.

O ambiente da EdC é diferente dos outros ambientes empresariais, pois mesmo reconhecendo uma autonomia da esfera econômica das outras esferas da vida, mesmo reconhecendo que existem muitas dimensões distintas e importantes da vida humana que não passam pelo âmbito econômico, impulsiona as pessoas envolvidas no projeto da EdC em a agregar a própria vida espiritual, afetiva e religiosa com a vida do projeto EdC.

A EdC, não se apresenta, uma vez que se poderia pensar, como uma nova forma de empresa ou como uma alternativa as que já existem. A EdC procura transformar a partir de dentro, as estruturas das empresas tradicionais, buscando conduzir o desenvolvimento da empresa de acordo com o estilo de vida da comunhão.

3.3 Mariápolis Santa Maria, a Comunidade de Monjope e a destinação do lucro tripartite



Figura 9: Logotipo do Polo Empresarial Ginetta

A Mariápolis Santa Maria/PE, está localizada em uma região em fase de desenvolvimento, além de caracterizar-se por seu empenho social, evidenciada especialmente pela escola, com o mesmo nome da Mariápolis, para crianças e adolescentes¹⁷. A escola Santa Maria atualmente é mantida com ajuda nacional e internacional, por meio de projetos mantidos pelo Movimento dos Focolares. Foi construída em 1965, quando da terceira viagem de Chiara Lubich ao Brasil.

Além da escola Santa Maria, o movimento também conta com o polo empresarial Ginetta Calliari, inspirado na Economia de Comunhão localizado a alguns quilômetros da Mariápolis Santa Maria.

O polo Ginetta Calliari está localizado em uma localidade conhecida por Monjope, Cruz de Rebouças, na cidade de Igarassu/PE.

3.4 Polo Ginetta e a Comunidade de Monjope

O referido trabalho busca pesquisar o impacto deste polo empresarial na comunidade circunvizinha, de que modo tem contribuído para as pessoas que vivem em tal localidade e de que forma coloca em prática os valores e a cultura do dar da EdC.

Portanto, buscamos verificar de que forma esta cultura do dar é colocada em prática na comunidade de Monjope, em Cruz de Rebouças.

Como já foi dito, o polo Ginetta Calliari está localizado na cidade de Igarassu/PE, na estrada de Monjope, no bairro de Monjope. É uma comunidade

¹⁷ Funciona nas dependências da Mariápolis e conta com 50 anos de existência. Hoje, dez de seus funcionários foram alunos da escola.

carente, mas da entrada na estrada de Monjope até a chegada ao Polo Ginetta encontramos um posto da USF (Unidade de saúde da família Agamenon Magalhães II), uma escola, alguns pequenos comércios, além de uma pousada (Pousada Vale do Monjope, Km 3).

A estrada encontra-se em uma situação precária, com muitos buracos e pouco asfaltada. Situação que se agrava ainda mais em períodos chuvosos. Trata-se de uma rodovia estadual que dá acesso ao Engenho Monjope e a Estação de tratamento de água do sistema Botafogo.

Durante as pesquisas pude verificar o grande fluxo de pessoas na comunidade, devido ao pequeno comércio, a escola e ao posto de saúde.

3.5 A crise do Polo Ginetta e a resistência na experiência na Economia de Comunhão

O polo Ginetta Calliari está construído em um terreno de 8.3 hectares, que foi adquirido em 2003 e inaugurado em 2007.

Quando de sua inauguração o polo empresarial Ginetta contava com quatro empresas físicas e algumas virtuais. Hoje só uma empresa se encontra em funcionamento no polo Ginetta e algumas empresas virtuais.

É triste saber que poucas empresas ali instaladas conseguem sobreviver por um período grande de tempo, principalmente em uma região tão carente como é a nordestina. Porém, é sabido que no Polo empresarial Spartaco, localizado em São Paulo, o projeto caminha a passos largos.

Hoje em atividade só temos uma empresa a: Movelite que trabalha com móveis planejados. Em 2006 João Laurindo (que iniciou o ofício de marceneiro em 1973) conhece a proposta empresarial e internacional da Economia de Comunhão (EdC) e inicia os estudos para a estruturação de uma empresa capaz de corresponder aos seus princípios e valores. A Movelite inicia com parcerias, seguras, dentre elas a ANPEC – Associação Nacional por uma Economia de Comunhão, o Polo Empresarial Ginetta e o Banco do Nordeste.

É uma empresa que tem como valores:

- Ética
- Honestidade e Integridade
- Responsabilidade social
- Excelência na prestação de produtos e serviços
- Qualidade
- Relacionamento
- Resultado
- Reconhecimento.



Figura 10: Valores da EdC (Fonte: www.edc-online.org)

3.6 Coleta de material e resultado da pesquisa

Durante o estudo sobre o Movimento dos Focolares e Economia de Comunhão e o impacto do Polo Ginetta na comunidade que circunda o referido polo empresarial, senti certa dificuldade. Dificuldades estas referentes a pouca quantidade de empresas que funcionam fisicamente no polo. Todas as vezes que estive no polo fui sempre muito bem recebida, porém o fato de só existir uma única empresa funcionando nos galpões do polo dificultou o trabalho da pesquisa.

No dia cinco de outubro de 2015, durante as pesquisas, estive no polo Ginetta Calliari. Neste dia estava acontecendo um evento promovido pelo Projeto da Economia de Comunhão em parceria com a Prefeitura Municipal de Igarassu, com a Secretaria de Saúde de Igarassu e com o Movimento dos Focolares.

Durante todo o dia, entre as 08h às 17h, foi oferecido à comunidade do entorno do polo assistência de saúde, como por exemplo, vacinação contra gripe, tétano, difteria e hepatite. Além de palestras com profissionais da área de saúde sobre algumas doenças infecto contagiosas e o seus tratamentos. Também foi oferecido o cadastro e confecção do cartão do SUS (Sistema Único de Saúde). Todas essas atividades foram ofertadas gratuitamente à comunidade de Monjope.

O estudo sobre EdC foi pautado em pesquisas bibliográficas e questionário (em anexo) simples entregue aos moradores do entorno do Polo Ginetta Calliari e funcionários da empresa que funciona nas dependências do polo.

Neste dia, aproveitando a circulação de pessoas no polo, foi distribuído o questionário¹⁸, que poderia ser respondido anonimamente, com perguntas simples sobre o polo Ginetta. O intuito deste questionário era saber como as pessoas da comunidade viam o polo empresarial, se de fato elas conheciam, se sabiam o que era o polo, qual a sua principal atividade e se elas gostaram da iniciativa de levar até eles serviços de assistência de saúde.

Para a minha surpresa, as pessoas conheciam o polo, mas poucos sabiam que ali funcionava um polo empresarial baseado no ideal de Economia de Comunhão e qual era sua principal atividade. De modo geral, grande parte dos que responderam o questionário, nem sabiam afirmar o que era o polo, nem sabiam qual era sua atividade principal. De todo modo, a maioria aprovou a iniciativa do polo e da prefeitura de Igarassu, incentivando que fossem feitas mais iniciativas como essa.

Ao iniciar os estudo sobre a EdC e mais especificamente o polo empresarial Ginetta Calliari em Igarassu/PE e seu impacto na comunidade de Monjope, imaginei que após os mais de dez anos de atividade naquele local, ele fosse mais conhecido. Acredito que a falta de conhecimentos sobre as atividades do polo empresarial não seja por culpa exclusiva da comunidade, mas à falta de interação e de divulgação do polo com seu entorno. Há pouca propaganda, há uma dificuldade muito grande em chegar até lá, o acesso também é muito difícil e mal sinalizado.

¹⁸ Questionário este respondido por trinta pessoas, entre moradores de Monjope, que foram buscar a assistência no polo Ginetta, e funcionários do polo.

Ao final da pesquisa percebi que apesar do tempo que o polo está instalado na região, seu relacionamento com a comunidade ainda é muito pequeno, ou quase nenhum, o impacto social e econômico também é muito pouco, já que atividades sociais são pouco estimuladas e divulgadas. Há muito ficou na promessa uma melhora no acesso e na sinalização do trajeto da BR 101 até o polo. Promessa essa ainda não cumprida por parte da Prefeitura do município de Igarassu/PE.

Entristece-me saber que um projeto com um ideal tão grande, que tem a aspiração de construir um “novo modelo de economia”, de construir um novo modo de administração de empresa e cujo centro deste empreendimento é o homem e não o lucro, contribui ainda muito pouco com a população necessitada que ela se propõe a ajudar.

Porém, nota-se que há um esforço grande em sua melhoria e boas intenções para o desenvolvimento empresarial do polo por parte dos acionistas e dos funcionários do polo e da empresa que lá funciona.

CONCLUSÃO

Conforme os resultados da Economia de Comunhão - EdC indicam que há uma articulação entre a representação religiosa, temos como exemplo o lucro como uma dádiva, a outras representações capitalistas, quais sejam, o lucro como resultado da empresa e ainda articulando a representações voltada para o social, como por exemplo, o empreendedor ético e com visão voltada para o social. O homem é o centro da EdC e não tão somente o lucro.

A EdC busca a fraternidade, o bem comum, uma sociedade igualitária e mais justa., diferente das empresas eminentemente capitalista, que só persegue a lucratividade. Ela, a EdC, seria uma saída, uma saída que busca resgatar os valores humanitários, a unidade, a caridade e a reciprocidade.

Mas este olhar diferente para a economia não torna a EdC incompatível com a economia capitalista do mercado ,pois não há alterações políticas e econômicas em seu funcionamento e na sua estrutura empresarial.

Com isso, não estamos querendo dizer que a EdC é o “ideal’ para a economia, mas é uma cultura nova, que busca “homens novos”, que busca uma “cultura da partilha” para formar uma sociedade politicamente e economicamente nova.

Por fim, este trabalho visa examinar a ação da partilha do lucro como fundamento da Economia Solidária. Mas não é uma coisa fácil conseguir dados para atualização das tabelas e das empresas que fazem parte da EdC. Há poucos dados a disposição dos pesquisadores.

Como vimos, no polo Ginetta, Igarassu, há uma só empresa física (Movelite) funcionando nos galpões do polo. O acesso ate lá é bastante complicado e a falta de sinalização contribui mais ainda para a falta de conhecimento da população das redondezas do polo sobre o que é que funciona naquela estrutura. Poucos sabiam o que funcionava naquele espaço localizado na estrada de Monjope.

O impacto do polo, infelizmente, ainda é muito pequeno. Em Igarassu, o polo Ginetta ainda tem contribuído muito pouco para o desenvolvimento da localidade, ainda não alcançou o propósito para que foi idealizado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera. Economia de Comunhão e comportamentos sociais. In: COSTA, RUI, et al. **Economia de Comunhão**: projeto, reflexões e propostas para uma cultura da partilha. Tradução: José de Almeida, João Batista Florentino, Rui Costa. 2, ed. São Paulo: Cidade Nova, 1998.

BARRO, Robert J.; McCLEARY, Rachel M. **Religion and Economic Growth**. Harvard University, April 8, 2003 (http://scholar.harvard.edu/files/barro/files/religion_and_economic_growth_2003.pdf, acesso em 13.02.2016).

BRANDALISE, L. A. **A finalidade do lucro para as empresas de economia de comunhão**. 2003. Tese (Doutorado) — Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BRUNI, Luigino. **Comunhão e as novas palavras em economia**. Vargem Grande Paulista- SP: Ed. Cidade Nova, 2005.

_____. Economia de Comunhão - uma nova cultura. In: **Noticiário EdC**, n. 31, de 26 de Junho de 2010.

CHAGAS, Francisco. **Religião e economia**. 2004 (<https://fchagas.wordpress.com/2008/06/24/religiao-e-economia/>, acesso em 13.02.2016).

GUI, B. Entrevista com Stefano Zamagni. **Economia de Comunhão**: uma Nova Cultura, (15), 2002b. p. 10-11.

GUI, B.; BRUNI, L.. A economia de comunhão em quatro palavras. **Economia de Comunhão**: uma Nova Cultura, 2001.

LEITE, K.. **Economia de Comunhão**: a construção da reciprocidade nas relações entre capital trabalho e estado. São Paulo: Annablume - FAPESP, 2007.

LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão**: História e profecia. Vargem Grande Paulista- SP: Ed. Cidade Nova, 2004.

_____. A experiência da Economia de Comunhão: da espiritualidade da Unidade, uma proposta de agir econômico. In: BRUNI, Luigino. **Org. Economia de Comunhão**: uma cultura econômica em várias dimensões. Tradução: Theresa Stummer. Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2002.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. In: **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999.

_____.O império universal. In: **Folha de São Paulo**, 02-05-2010.

MARX, Karl. Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Textos**. vol. III. SP: Alfa-Omega, [19-].

NERI, Marcelo Cortes. Religião e economia. In: **Valor**, 22 de maio de 2007 (<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/7413-religiao-e-economia-artigo-de-marcelo-cortes-neri%20>, acesso em 13. 02.2016).

SERAFIM, M.C. **A ética no espaço da produção: contribuições da economia de comunhão**. (Dissertação, mestrado em engenharia de produção). Programa de pós-graduação em engenharia de produção, universidade federal de Santa Catarina, Florianópolis 2001.

SINGER. Paul. Introdução. In: MELLO, Sylvia Leser de (org.). **Economia Solidária e autogestão**: encontros internacionais. São Paulo: NESOL-USP, ITCP-USP, PW, 2005.

VILLARDI, B. Q. Economia de comunhão e aprendizagem: uma perspectiva epistêmica. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.41, n. 5, p. 835-861, set./out, 2007.

Sites pesquisados:

<http://www.edc-online.org/br/>, acesso em 22 de junho de 2015

<http://www.focolare.org/pt/>, acesso em 30 de setembro de 2015.

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/manual/19.htm> , acesso em 25 de outubro de 2015